

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE MÚSICA

Lucas Noatto de Moraes

NGOMA: o corpo como primeiro tambor

Porto Alegre
2024

Lucas Noatto de Moraes

NGOMA: o corpo como primeiro tambor

Projeto de Graduação em Música Popular apresentado ao Departamento de Música do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Música.

Orientadora: Profa. Dra. Luciana Prass

Porto Alegre

2024

CIP - Catalogação na Publicação

Moraes, Lucas Noatto de
NGOMA: o corpo como o primeiro tambor / Lucas
Noatto de Moraes. -- 2024.
58 f.
Orientadora: Luciana Prass.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Artes, Curso de Música: Música Popular, Porto
Alegre, BR-RS, 2024.

1. Música Popular. 2. Música corporal. 3.
performance. 4. percussão corporal. I. Prass, Luciana,
orient. II. Título.

À Carmen Lúcia Noatto, minha mãe.

Agradecimentos

Agradeço, primeiramente, à minha mãe Carmen Lúcia Noatto, a quem também dedico esse processo todo, assim como ela se dedicou a mim a vida inteira. Obrigado por me criar com todo amor do mundo. Tudo que eu tenho de melhor veio de ti. Tenho muita sorte por ser teu filho. Tua bondade e tua doçura vão seguir sendo o exemplo de como quero levar a vida. Obrigado por ter deixado o rádio de casa sempre ligado enquanto costurava. Esse é o resultado do NOSSO trabalho.

Agradeço à minha família Noatto, Carmen, Judite, Marines, Higor e Bruno por crescer em um ambiente saudável em que nunca faltou nada, do apoio à comida na mesa. A família Noatto está sempre junta para tudo que precisar. Obrigado por me ensinarem que nossa família sempre vai ser o lugar para onde vamos poder voltar.

Agradeço aos meus queridos amigos e colegas de caminhada: Elinka, Cristiano, Gustavo e Iza. Alguns recém adicionados a uma parceria que espero que seja muito longa e outros me apoiando desde o primeiro dia que começamos a fazer sons com o corpo. Obrigado por confiarem em mim e aceitarem ser os pilares principais desse show incrível que nasceu do nosso trabalho e do nosso esforço. Seria impossível sem vocês.

Agradeço ao meu irmão mais novo, Nathanael, por existir. Te ter na minha vida fez e segue fazendo de mim uma pessoa melhor. Obrigado por sempre olhar para mim com carinho, respeito e admiração. Quero ser todos os dias uma pessoa digna de ser exemplo pro teu olhar. Tenho muito orgulho de ti, espero também te orgulhar sempre o máximo que eu puder.

Agradeço aos meus amigos, neste momento em especial àqueles que fizeram parte desse processo com as mãos na massa. Mas agradeço também àqueles que acompanharam de perto e aos que, mesmo de longe ou em silêncio, torceram por mim. Sou muito feliz por ter uma grande quantidade de amigos, e desde pequeno felizmente foi assim. Acho que tem a ver com eu ter aprendido com a minha família que ninguém constrói nada de especial sozinho. E eu sempre soube que queria construir muito. Aos meus amigos só posso agradecer infinitamente e jamais será suficiente. Quando se tem uma rotina como a que eu tive ao longo desse processo, passando o dia inteiro na rua, dormindo pouco, trabalhando e estudando... os amigos que correm com a gente tornam-se família também. Obrigado por serem a

família que eu escolhi e me mostrarem diariamente que fiz a esmagadora maioria das minhas escolhas corretas.

Agradeço à Lu, minha orientadora, pela infinita sensibilidade e confiança no meu trabalho durante todo o processo. Luciana Prass é um farol dentro da universidade. Obrigado por iluminar meu caminho.

A filosofia *ubuntu* diz que “sou quem sou porque somos todos nós”. Obrigado por contribuírem para ser quem sou. Eu amo todos vocês muito mais do que sei dizer.

*“Tirem-nos tudo...
mas não nos tirem a vida,
não nos levem a música!”*

Súplica - Noémia de Souza (1926 - 2002)

RESUMO

Este Projeto de Graduação em Música Popular consistiu em um show de música corporal e neste memorial descritivo sobre o seu processo de realização, desde o planejamento, a concepção até a performance pública. O grupo que fez a performance é formado majoritariamente por músicos e artistas com experiência em música corporal. Alguns deles são ou já foram integrantes do Batukatu - Núcleo de Estudos e Vivência em Música Corporal, grupo de Porto Alegre com mais de uma década de atividade. O grupo, criado por Elinka Matusiak, nasceu a partir de um encontro com o criador dos Barbatuques, Fernando Barba, sendo assim, a sua metodologia a principal referência. A música corporal é uma prática que desenvolve o corpo, auxilia nas questões de motricidade e coordenação e também trabalha a autonomia, criatividade e expressividade de quem se aventura nesse universo. Com esse show, procurei mostrar a potência da música corporal como performance artística e igualmente sua importância como ferramenta de educação.

Palavras-chave: Música Popular, música corporal, performance.

SUMÁRIO

Introdução - Minha caminhada na música.....	9
Capítulo um - Música corporal.....	19
1.1. Aqueles que abriram os caminhos.....	19
1.2. Música corporal e seus encontros a partir da universidade.....	21
1.3. Por que “Ngoma”?.....	24
Capítulo dois - Montagem do show.....	26
2.1. Repertório.....	26
2.2. Grupo.....	34
2.3. Ensaios.....	39
Capítulo três - Pós NGOMA.....	52
Considerações finais.....	55
Referências.....	56

Introdução - Minha caminhada na música

Minha caminhada na música começou por acaso. Meus pais são pessoas que gostam muito de música, mas nunca tiveram instrução musical. Minha mãe adora contar a história sobre um tio dela, o tio Albino, que tinha 6 filhos homens e 6 filhas mulheres. Os homens todos tocavam violão e as mulheres todas tocavam gaita. Eu não os conheci, mas ela parecia admirar muito esses primos pelo entusiasmo que ela conta. A mãe é costureira autônoma e sempre trabalhou em casa. A companhia dela sempre foi o rádio da sala, então minha casa sempre teve a presença de música. Minha dinda Judite morava com a gente quando eu era criança e também sempre foi uma grande parceira, inclusive no incentivo à música.



Eu e minha dinda Judite, em casa, tocando instrumentos de brinquedo. (foto de acervo pessoal).

Apesar desse ambiente saudável musicalmente, caí no meio musical de paraquedas. Meu pai me inscreveu, sem eu saber, para uma vaga no Projeto Prelúdio¹. Eu devia ter uns 5 ou 6 anos. Acabei sendo contemplado e comecei a fazer aulas de flauta-doce com o professor Bernhard Sydow e laboratório musical com a professora Suelena Borges. Peguei gosto pela música e segui estudando flauta-doce por uns bons 5 ou 6 anos. Além disso, nessa época já tinha descoberto o gosto pelo canto e já estava participando do coro da escola também.

¹ O Projeto Prelúdio é um programa de extensão do Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS) - campus Porto Alegre, que oferece educação musical para crianças e jovens de 5 a 17 anos. Tem como proposta desenvolver a musicalidade de estudantes da comunidade, ensinando-os a cantar, tocar e integrar a música no cotidiano, por meio de aulas e da participação em conjuntos musicais. O Prelúdio completou 40 anos no ano de 2022 e tive o privilégio de participar do seu concerto de aniversário como ex-aluno. Para se falar sobre a dimensão e importância do Prelúdio em Porto Alegre, temos 3 “ex-preludianos” no corpo docente da UFRGS.

Perto dos 12 anos, chegou um momento em que era muito legal tocar violão. A flauta-doce já tinha perdido seu encanto. Quando paro pra pensar hoje em dia, acho que gostaria de ter continuado estudando flauta. Acabei sendo encantado pela onda do violão porque estava na moda.

Não sei ao certo se segue sendo assim nos dias de hoje, mas na época o Projeto Prelúdio tinha duas modalidades de ingresso: por sorteio e por teste. Havia um período de inscrição específico e ambas as modalidades aconteciam nesse período. O sorteio era feito sorteando números de inscrição para cada uma das vagas disponíveis considerando turmas novas com alunos sem experiência prévia. Foi por meio dessa modalidade que comecei meu estudo de flauta-doce. E havia também o teste, para os alunos que já tinham experiência. No entanto, esse teste não tinha a função de limar alunos menos qualificados considerando um nível de corte específico. A ideia do teste era fazer uma triagem para ver as habilidades de cada um e verificar se já havia alguma turma em andamento na qual esse aluno pudesse ingressar sem prejuízo nenhum ou atraso de desenvolvimento, tanto individual quanto da turma. Como eu ainda não tinha experiência com o violão, não pude fazer o teste. Não fui contemplado no sorteio desta vez e me afastei do Prelúdio por alguns anos.

Segui meu caminho na música na escola mesmo. Estudei minha vida inteira no Colégio Concórdia de Porto Alegre. No colégio havia algumas oficinas extracurriculares e eu sempre fui muito envolvido com outras atividades além da aula regular. Fazia futsal, teatro e coral. Em determinado momento descobri a oficina de violão e tive minhas primeiras aulas com o professor Carlos Alberto Loureiro.

Justamente por ter estudado todo o ensino básico na mesma instituição, vários dos meus laços de amizade mais antigos e mais fortes foram criados lá. Uma boa parcela da minha turma fez o mesmo trajeto. E alguns desses laços seguiram artisticamente também. Costumavam haver algumas apresentações dessas oficinas na escola e depois de algum tempo criou-se a tradição de fazer um evento chamado Mostra Artística. A Mostra Artística era basicamente uma exposição do trabalho feito ao longo do ano. O coro apresentava algumas

músicas, o grupo de dança apresentava suas coreografias e também poderiam haver peças de teatro. Depois de algum tempo esse evento se tornou uma união de todas as atividades e acabou virando um espetáculo musical, sendo o grande evento do ano na escola.

No meu terceiro ano do ensino médio, ano de 2017, eu já havia retornado ao Prelúdio. Eu fazia parte do coro que na época era regido pelo maestro Lucas Alves, em substituição ao maestro Pablo Lanzoni. Além do coro, havia aulas de canto e instrumentos musicais, além de projetos como a orquestra, o conjunto de flautas e algumas bandas. As aulas de canto eram basicamente um “extra” que acompanhava todas as aulas de instrumento. Naturalmente, alguns dos alunos não gostavam tanto de cantar. Eu gostava muito, e isso fazia com que eu ficasse alguns minutos a mais após a aula conversando com o maestro Lucas Alves. Em um desses dias ele me deu um CD do Coral da UFRGS (coro cuja regência também cabia a ele naquele momento) de presente e me perguntou por que eu não fazia o teste para entrar no grupo. Na época eu ainda tinha 16 anos, achava que nem poderia, mas com o aval do maestro, me aventurei. Nesses mais de sessenta anos do Coral, até onde conheço a história, acredito que eu tenha sido um dos mais jovens a ingressar. O coro, apesar de levar o nome da UFRGS, hoje já não pertence mais à universidade e sim trata-se de uma associação independente. Mesmo assim, o coro mantém uma boa relação com a instituição e faz eventuais parcerias com a Pró-Reitoria de Extensão.

No Coral da UFRGS fiz várias amizades que carrego até hoje. Vários músicos que iriam vir a ser meus colegas na UFRGS dois anos adiante. E vários que viriam a participar do show Ngoma me prestigiando com o privilégio das suas companhias nesse momento de encerramento de ciclo tão lindo. A experiência no coro foi muito rica. Os ensaios ocorriam duas vezes por semana, tudo com preparação vocal adequada e lições sobre técnica vocal. Existe também o projeto denominado Coral Escola que recebe cantores com menos experiência com canto coral para desenvolver a técnica e os conhecimentos musicais para ingressarem no Coral da UFRGS na sequência. O Coral da UFRGS é, sem dúvida, uma importante escola de música (assim

como também o são as escolas de samba, os blocos carnavalescos, as igrejas, etc.). É um espaço de desenvolvimento onde não necessariamente as pessoas ficam presas ao ensino formal de música no modelo de conservatório. O estudo é feito usando partituras, mas ler partitura não é um pré-requisito. Isso ajuda nos estudos das pessoas que já estão alfabetizadas musicalmente e faz com que os não leitores evoluam muito mais rápido com a ajuda dos colegas. O Coral da UFRGS é um coro com uma história já muito longeva e muito respeitado em Porto Alegre (e em todo o estado). Mesclando repertório sacro e popular, o coro é formado por coralistas proficientes tecnicamente e versáteis a nível de repertório. Sou muito feliz por ter uma marca como o Coral da UFRGS na minha trajetória.

No ano de 2018, ingressei no curso de Licenciatura em Música no Centro Universitário Metodista - IPA. Minha professora na época da escola, Ana Cristina Bizarro, fez sua formação lá e acabou me indicando seguir esse caminho também. Naquele ano eu havia feito o vestibular da UFRGS mas acabei não passando na primeira vez. Diferentemente da UFRGS, o IPA não tem uma prova específica de música para ingressar no curso. Ou seja, os alunos da graduação têm perfis muito diferentes. Fui colega de músicos já renomados, como o flautista Pedrinho Figueiredo, e também tive colegas que haviam iniciado sua jornada na música muito recentemente. Alguns músicos já com uma carreira sólida ingressam no curso por necessidade do diploma para realizar algum trabalho ou para lecionar. A integralidade dos horários de aula da UFRGS também é um dos fatores que levava músicos já em atividade, a optar pelo IPA, devido à impossibilidade de trabalhar e estudar em uma universidade federal simultaneamente.

O que mais me impressionou no IPA desde o início foram os professores. Essa polarização de perfil dos alunos, alguns com experiências em níveis tão distantes, criava um desafio enorme na hora de preparar uma aula que abrangesse ambos os grupos. E, surpreendentemente, esse desafio era frequentemente vencido com sucesso. Tive aulas com professores incríveis como Maria Cecília Torres, Kiti Santos, Jaqueline Barreto, Elisa Cunha, Paulo Dorfman e por aí vai. Eu estava aos poucos descobrindo meu caminho como

educador e poder observar esses(as) mestres(as) fez toda a diferença. No período que estive lá participei do Coral do IPA e do Conjunto de Flautas, ambos grupos formados por alunos que faziam apresentações dentro e fora da universidade. Segui no curso até o início do terceiro semestre (fevereiro de 2019) quando acabei saindo. Estava precisando conciliar trabalho, auto-escola e tinha acabado de ser aprovado no curso de Música da UFRGS para começar o bacharelado. Gostaria de poder ter mantido ambas e me organizei para isso, mas questões curriculares do IPA acabaram dificultando esses processos. Precisei fazer uma escolha tanto financeira quanto a nível de sobrecarga de demanda.

E assim entrei no curso de Bacharelado em Música, com ênfase em Música Popular, na UFRGS. No início, tive uma certa dificuldade de me habituar com a turma. Muitos músicos da cena de Porto Alegre têm contato entre si e se conhecem de fora da universidade, independente de ter participação acadêmica. Vendo de fora, histórias de amigos e conhecidos alimentaram alguns receios quanto à rigidez do curso, professores e/ou colegas. Felizmente, percebi que o ambiente da música popular era muito mais acolhedor e formado por professores com uma sensibilidade ímpar, na maioria dos casos. Eu estudei a vida inteira no mesmo colégio, então essa troca de ambiente familiar também foi uma questão ao ingressar na universidade. Foi um choque maior ao entrar no IPA, mas também existiu posteriormente ao ingressar na UFRGS. Um dos fatores que facilitou esse processo foi justamente meu envolvimento com o Coral da UFRGS. Apesar de não estar estudando na universidade até então, eu já estava ativo, de certa forma, na comunidade há 2 anos e já conhecia relativamente bem vários dos espaços e colegas.

E foi logo no início da minha jornada na UFRGS que começou a se estruturar um trabalho que segue sendo minha prática principal até hoje: a música corporal. Em maio de 2019 aconteceu um evento chamado FLADEM - Fórum Latino Americano De Educação Musical. O evento estava acontecendo na Faculdade de Educação (FACED) da UFRGS e estava sendo capitaneado

pela professora Dulcimarta Lino², professora de educação musical e docente do curso de Pedagogia. Eu ainda mantinha contato com meus ex-colegas do IPA e foi por intermédio deles que fiquei sabendo do evento, pois não chegou até mim nenhuma divulgação por parte da UFRGS ou por parte da COMGRAD do curso de Música. Fui ao evento e me espantei ao ver, basicamente, uma comitiva de professores e alunos do curso de música do IPA e não ver alunos e professores do curso de música da UFRGS (no mínimo estranho, tendo em vista que a universidade estava sediando o evento).

Neste evento, me lembro de assistir a uma apresentação do Grupo PIÁ, um coletivo itinerante de música infantil da UFRGS (formado por alunos de música e pedagogia) que faz shows e oficinas em escolas da rede pública e privada da região metropolitana de Porto Alegre. Mal poderia imaginar que hoje eu estaria fazendo parte desse grupo e sendo bolsista de extensão desse trabalho tão lindo. Também me lembro de participar de uma breve vivência em música corporal facilitada pela Elinka Matusiak³. Foi nesse dia que conheci essa mestra que abriu os caminhos da música corporal para mim. A Elinka trabalhou alguns ritmos específicos durante a vivência e em determinado momento me pediu para que segurasse uma célula rítmica sozinho. Consegui fazer com algum esforço e isso impressionou a nós dois. Após o evento conversamos um pouco e trocamos contato para seguir conversando mais. Foi assim que, logo na sequência, eu ingressei no Batukatu - Núcleo de Estudos e Vivências em Música Corporal⁴, grupo cuja coordenação é da própria Elinka.

O Batukatu faria um show na inauguração do Museu de Anatomia da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA). Eu fui assistir e, sentado na platéia, fiquei encantado com o espetáculo. Nunca tinha sentido tamanha identificação com um trabalho e sabia que a música corporal

² Dulcimarta Lino é licenciada em Educação Artística com Habilitação em Música pela UFRGS (1988), também é Mestre e Doutora pela mesma universidade. Dulcimarta é professora da Faculdade de Educação (FACED) da UFRGS no curso de Pedagogia, desde 2016.

³ Elinka Matusiak é ex-aluna do curso de Regência Coral na UFRGS e mesmo não tendo concluído a graduação já tem muita experiência e trabalha na área há muitos anos. Além de regente, ela também ministra oficinas e trabalha com música corporal. Elinka é a fundadora e coordenadora do Batukatu - Núcleo de Estudos e Vivência em Música Corporal.

⁴ O Batukatu - Núcleo de Estudos e Vivência em Música Corporal é um grupo artístico, de estudos e de pesquisa sobre música corporal criado em 2010 pela Elinka Matusiak em Porto Alegre.

me chamava. Começando a estudar técnica com a Elinka, ela me passou um *groove* como desafio da semana. No outro dia já enviei um vídeo pra ela com o *groove* decorado e no andamento original. Esse processo se repetiu por mais alguns dias até que comecei a ensaiar com o grupo que na época era formado por Cristiano Morales, Márcio Leonini, Juliana Sapper, Gabriela Xavier, além da própria Elinka Matusiak. Seguimos com os estudos de repertório, mas após o meu ingresso não tivemos mais demandas de shows. Logo em seguida, a Elinka nos revelou que estaria se mudando para São Paulo e o grupo foi se dispersando aos poucos. A falta dos ensaios presenciais semanais desmotivou alguns dos integrantes, fazendo com que deixassem o grupo. Eu segui meus estudos por conta e comecei a trabalhar como facilitador ministrando oficinas.

No início de 2020, recebi um convite para iniciar como professor estagiário de música no Colégio Concórdia, colégio onde estudei minha vida inteira. Comecei trabalhando música com algumas turmas de turno integral com alunos que variavam entre educação infantil e séries iniciais do ensino fundamental. Passei 1 mês dando aula na escola até que veio a pandemia da Covid-19. Bateu a insegurança e o desespero geral. Nada era garantido, não se sabia o que estava por vir. Apesar da dificuldade, não perdi meu estágio. No entanto, como era estagiário, acabei desenvolvendo diversas outras funções que não estavam programadas. Todo mundo já me conhecia, tanto professores quanto alguns dos alunos mais velhos que ainda lembravam de mim, então isso facilitou muito vários dos processos. Fora o fato de que o Colégio Concórdia de Porto Alegre funciona com uma cooperativa como sua mantenedora, a COOPEEB. Foi essa reestruturação para o modelo cooperativista que salvou a escola, já centenária, de ir à falência 20 anos antes. Então esse espírito de trabalho em equipe e adaptação às adversidades é um sentimento com o qual os “concordianos” já estão bem familiarizados.

Assim, trabalhei como professor de música, professor de teatro, coordenador de turno, treinador de futsal, na secretaria, monitor de aprendizagem, professor substituto de quaisquer matérias que fossem necessárias devido a ausência de colegas do corpo docente, além do trabalho de orientação educacional e acolhimento aos alunos que vinham até mim e

meu colega coordenador pela identificação e sensibilidade. Desenvolvendo tantas habilidades dentro do ambiente escolar eu adquiri muita experiência e percebi que queria ser educador. A música é minha melhor ferramenta (e acredito que seguirá sendo), mas é só uma das ferramentas possíveis. E essa visão de educador guia meu trabalho até hoje, inclusive nas minhas atuações de performance.

Esse equilíbrio entre o performer e o educador é um tópico no qual venho pensando há algum tempo e nos últimos anos foi ficando mais claro para mim. A relação palco-pedagógica é muito rica e muito plural. Um ponto alimenta o outro, munindo o sujeito de um repertório profissional único possibilitando um crescimento artístico sem precedentes. Assistindo a defesa de doutorado de Mauricio Maas⁵, integrante dos Barbatuques (agora também Doutor em Teatro), a queridíssima professora Ana Fridman⁶, que lecionou na UFRGS por alguns anos, comenta sobre esse assunto e acredito que eu não seja capaz de colocar em palavras melhor que ela no que diz respeito a isso. Falando sobre a pluralidade de experiências do Barbatuques⁷, durante a defesa da tese de doutorado de Maurício Maas (22/06/2023), ela diz o seguinte:

Todos os processos artísticos são poéticos. [...] Eu sinto falta disso nos processos pedagógicos em geral: da gente olhar pros processos pedagógicos como poesia, como arte. Vocês [se referindo ao grupo Barbatuques] estão no palco, vocês estão nas oficinas, sem perder a poesia, sem perder a poética em todos esses lugares. E o elo de vocês é justamente esse: estando no palco ou nas oficinas vocês estão no mesmo lugar. Vocês performando ou fazendo oficinas vocês criam um lugar pedagógico que é pedagógico-artístico de verdade. [...] O Barba fazia isso muito bem (FRIDMAN, 2023.)

A rotina pandêmica na escola era muito mais voltada ao apoio aos alunos nas aulas online e produção de material em vídeo. Passei o ano de

⁵ Mauricio Maas é integrante do Grupo Barbatuques, Doutor em Artes Cênicas pela ECA-USP (2023); Mestre em Artes Cênicas pela ECA-USP (2018); Graduado em licenciatura em Artes Cênicas pela ECA-USP (2001).

⁶ Ana Fridman é compositora e pianista de formação erudita e popular, com graduação em Música pela Universidade Estadual de Campinas (1995), graduação em Dança pela Universidade Estadual de Campinas (1994), Mestra em Composição e Performance no California Institute Of The Arts (2000), Doutora em Composição pela ECA-USP (2013). Ana foi contemporânea de alguns dos integrantes do Barbatuques na Unicamp e essa experiência agregou muito durante nosso encontro durante o tempo em que ela foi professora da UFRGS.

⁷ Barbatuques é um grupo brasileiro de percussão corporal criado em 1995 pelo músico paulistano Fernando Barba.

2020 gravando *grooves*, repertórios, ritmos com e sem o corpo, com objetos caseiros, instrumentos feitos de materiais recicláveis e assim por diante. Nesse período eu estava intercalando entre esse trabalho escolar, as aulas online na UFRGS e o trabalho à distância realizado pelo Batukatu por meio de projetos específicos. Voltamos ao ensino presencial em 2021 e as coisas foram se normalizando aos poucos.

Apesar de estar cursando bacharelado, cada vez mais o meu coração batia para a área da educação. Eu já estava decidido de fazer as cadeiras restantes para completar o curso de licenciatura na sequência. No entanto, no início de 2022, surgiu uma oportunidade de bolsa integral para cursar pedagogia na PUCRS (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul). Me inscrevi usando minha nota do ENEM e fui contemplado em segunda chamada.

Em 2022, passei a cursar ambas as graduações simultaneamente e dividindo minhas atuações entre educador e performer. A universidade é um lugar fantástico e riquíssimo, em especial no que diz respeito à convivência. Nesse espaço conheci músicos e artistas excelentes, pessoas incríveis com quem construí amizades que levarei para a vida toda. Portanto, meu recital de graduação foi construído pelas minhas mãos, mas também pelas mãos dessas pessoas com quem cruzei caminho nesses diversos cenários e espaços que frequentei.

Sendo assim, a ideia do meu Projeto de Graduação em Música Popular foi montar um recital de música corporal e fazer o completo registro desse processo. A música corporal tem sido o carro chefe do meu trabalho como músico e como educador nos últimos quase cinco anos e é dessa forma que quero seguir trabalhando. Comecei a trabalhar com essa prática especialmente após meu encontro com Elinka Matusiak em 2019 e meu ingresso no Batukatu, grupo coordenado por ela, logo na sequência. O Batukatu é um Núcleo de Estudos e Vivência em Música Corporal criado em 2010 pela Elinka após um encontro muito especial com o nosso glorioso mestre, precocemente falecido, Fernando Barba, através de uma oficina. Barba é o criador do grupo

Barbatuques, que é a referência nacional, e até internacional, na prática da música corporal.

Foi na prática e estudo diário com o Batukatu que iniciei esse aprofundamento mais técnico da música corporal. Nesse caminho conheci outros músicos e artistas que também trabalham com essa prática. Por isso, para coroar esse fechamento de ciclo da minha graduação em música, montei um recital inteiro de música corporal, trazendo um repertório diverso e também composições minhas. Montei um grupo fixo para fazer todas as peças comigo e convidei outros artistas para fazerem participações especiais em algumas delas. Acredito ter desenvolvido laços bem importantes para concretizar esse projeto com as participações especiais que desejei e aconteceram.

Sem deixar de aliar o viés educacional, que se tornou um ponto de extrema importância para mim, apesar de estar cursando bacharelado em música (e não licenciatura), trouxe também amigos queridos pra mim, que também são artistas e educadores, mas que não necessariamente trabalham com música corporal. A ideia foi também compartilhar o que sei e disseminar a música corporal pelas escolas, aliando o viés de educador com o performer.

Um dos grupos que participou com esse intuito foi o PIÁ. O PIÁ é um projeto de extensão coordenado pela professora Dulcimarta Lino, da Faculdade de Educação (FACED). Somos um coletivo itinerante de música infantil que faz shows e oficinas em escolas. Sou bolsista do projeto desde o ano passado e essa também é uma parte importante da minha caminhada, tanto como músico como educador. Trabalhamos algumas peças ao longo do ano e escolhemos uma para incluir no repertório do show.

Trabalhei com um grupo não muito grande para que não se perdesse o equilíbrio quanto aos arranjos de vozes, além da percussão corporal. Nosso grupo base foi formado por 5 pessoas e contou com mais algumas participações especiais convidadas como a cantora Paola Kirst

, que faz parte do Coletivo da Pedra Redonda⁸, de Porto Alegre.

⁸ Coletivo de artistas, estúdio de gravação e selo musical em Porto Alegre/RS.

Capítulo 1 - Música corporal

1.1 Aqueles que abriram os caminhos

A música corporal é a prática musical que é feita usando exclusivamente os sons do corpo, podendo fazer traduções rítmicas de gêneros e instrumentos específicos, mas também composições a partir de explorações. E digo explorações, pois essa exploração é fundamental para a prática da música corporal. Nada foi inventado, tudo foi descoberto. Nosso corpo é o primeiro tambor da história e sempre esteve à nossa disposição. Por isso o Batukatu é um núcleo também de vivência, é preciso viver a música corporal. Sentir no próprio corpo a magia acontecendo.

Justamente por essa questão, de ser uma prática que foi sendo descoberta aos poucos, é complicado precisar seu início historicamente. Acredito que internacionalmente a maior referência seja o músico norte-americano Keith Terry (1951)⁹. Ele trabalha com um conceito chamado “*Rhythm Blocks*” (Blocos Rítmicos) que são blocos que dividem tempos pelas partes do corpo como palma, perna e pé. Além de seu trabalho solo, também faz parte de coletivos de música corporal como Crosspulse e Slammin All-Body Band. Sua companheira, Evie Ladin¹⁰, também é uma grande referência. Além de compositora e arranjadora, também compõe grupos como: Evie Ladin Band e o MoToR/Dance, grupo de música corporal formado exclusivamente por mulheres. Outro grande nome no cenário da música corporal é o músico norte-americano conhecido como Bobby McFerrin¹¹. Seu trabalho é uma grande referência a nível de improvisação, performance vocal e do corpo, unindo sua vasta extensão vocal com a percussão corporal (inclusive já tendo gravado um álbum apenas com peças de música corporal).

⁹ Keith Terry é percussionista, dançarino rítmico e educador norte-americano. Foi um dos pioneiros no estudo da música corporal e é uma das principais referências no assunto mundialmente até hoje, de acordo com Fernando Barba, inclusive.

¹⁰ Evie Ladin é musicista, cantora e compositora norte-americana, além de dançarina percussiva e coreógrafa. Também tem um extenso trabalho na área da música corporal.

¹¹ Bobby McFerrin ganhou 10 prêmios GRAMMY misturando música pop e artes plásticas. Sua exploração de um território vocal desconhecido inspirou toda uma nova geração de cantores a cappella e o movimento beatbox.

Nossa principal referência aqui no Brasil foi Fernando Barba (1971 - 2021)¹², criador do grupo Barbatuques. Falecido precocemente em 2021, Barba sistematizou uma metodologia própria que serviu de base para os estudos do Barbatuques, grupo que está às portas de completar 30 anos. Tudo começou em uma escola de música fundada por alguns alunos do curso de Música da Unicamp nos anos 90. Entre esses fundadores, além de Fernando Barba, estavam nomes como Lu Horta, André Hosoi e Ana Fridman (Hosoi e Horta são integrantes do Barbatuques até hoje). Barba já estava estudando sobre música corporal há algum tempo de maneira independente, mas não era uma prática disseminada como é hoje. Um dos alunos de bateria da escola não tinha o instrumento em casa para estudar. Sendo assim, Barba começou a fazer no corpo as traduções rítmicas da bateria para que ele seguisse estudando. Fernando Barba fala mais sobre esse processo em seu livro “A Vida Começava Lá: Uma História de Repercussão Corporal” (BARBA, 2022).

Já aqui em Porto Alegre, além do Batukatu, outro importante representante trabalhando com a música corporal na cidade é o regente Federico Trindade. Vindo do Uruguai para o Brasil, formado em Regência Coral pela UFRGS e com mestrado na área realizado na *RAMA - Royal Academy of Music of Denmark*, o regente trabalha com a técnica de *Vocal Painting (VOPA)*¹³ e alia essa técnica de regência com a improvisação e a percussão corporal. Tive o prazer de integrar, juntamente com o Grupo UPA! (coro dirigido e regido pelo Federico há 15 anos), o grupo que realizou o concerto de admissão do doutorado do Federico no primeiro semestre de 2022. Foi uma experiência incrível trabalhar com um regente que usa uma metodologia diferente das convenções amplamente conhecidas. O concerto que montamos foi lindo e resultou na admissão do Federico para fazer o doutorado na mesma universidade da Dinamarca.

¹² Fernando Barba foi um músico de São Paulo que foi precursor no trabalho de música corporal no Brasil. Fundador e diretor do grupo Barbatuques, Barba sistematizou sua própria metodologia e seu trabalho é a principal referência nacional nessa prática, e uma das mais importantes do mundo.

¹³ The Vocal Painting Documentary: [YouTube](#) The Vocal Painting Documentary Acesso em: 29 de janeiro de 2024.

1.2 Música corporal e seus encontros a partir da universidade

O Batukatu - Núcleo de Estudos e Vivências em Música Corporal é um grupo que está em atividade trabalhando com música corporal há quase 15 anos. É uma vida! Vida essa que Elinka Matusiak dedicou a esse estudo e a espalhar a palavra de todos os mestres que ela conheceu nesse caminho. Desde que conheci a Elinka e, por meio dela, a música corporal, no FLADEM de 2019, minha vida mudou.

Eu já tinha visto percussão corporal de várias formas, especialmente como acompanhamento de performances de canto coral. Após assistir o show do Batkatu no Museu de Anatomia da UFCSPA, eu vi que a música corporal era muito mais do que acompanhamento. Inclusive, essa questão é parte do motivo pelo qual usamos música corporal como nomenclatura. O termo “percussão corporal” frequentemente nos remete e nos prende a essa ideia de acompanhamento, de algo feito para acrescentar em uma outra ideia. No entanto, o nosso corpo também nos permite fazer melodia e harmonia, além do ritmo. Nosso corpo é capaz de criar sons incríveis e surpreendentes. Por isso, usamos o termo “música corporal”, com o intuito de reafirmar a independência da prática de quaisquer outras e sua profundidade e pluralidade em si mesma.

Eu havia recém ingressado na UFRGS, conhecendo vários dos meus colegas super proficientes em seus instrumentos. É um espaço que pode ser muito intimidador, sem dúvida. Por muitas vezes me senti inseguro, questioneei minha própria capacidade. Chegando na aula de Percepção Musical, conheci a professora Ana Fridman. Um metro e meio comportando um coração gigante, um amor de pessoa. Me encantei desde o primeiro dia pela sua sensibilidade e gentileza na condução.



Elinka, Ana Fridman e eu tomando um café na minha visita a São Paulo em setembro de 2023. (foto de acervo pessoal).

É esse o tipo de educador que quero ser e me inspiro em exemplos como o da Ana. Em uma das atividades rítmicas realizadas em aula, ela começou a fazer percussões corporais. Os colegas gostaram do desafio, e nos primeiros dias já foi possível perceber que eu não era o único encantado pela condução da professora. Posteriormente, descobri que a Ana havia sido colega de faculdade do Fernando Barba e de outros integrantes do Barbatuques na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Além disso, ela também havia sido a diretora cênica do maior espetáculo feito pelo grupo. O encantamento gerado pela sensibilidade da Ana foi o gatilho que me deu coragem para começar a me colocar nos espaços da universidade como músico corporal. Possivelmente, se não fosse a presença dela na UFRGS, eu não teria a iniciativa para investir nessa empreitada da maneira que investi. Até hoje, e para sempre, sou eternamente grato a Ana Fridman.

No segundo semestre do curso, tive a oportunidade de fazer uma performance na disciplina de Prática Musical Coletiva, na turma da professora Isabel Nogueira. Só recentemente, na primeira etapa dos Colóquios de Projetos de Graduação em Música Popular, consegui conversar com ela sobre aquele semestre e o quão significativo ele foi para mim. Lembro até hoje de mostrar para ela um pedaço do “Groove nas Alturas” (composição do Gustavo Toretí, que esteve no repertório do recital), enquanto explicava brevemente sobre o que era música corporal. Nunca vou esquecer da expressão no rosto dela quando ela me disse: *“Eu não sei nem como tu está conseguindo fazer isso e falar comigo ao mesmo tempo!”*

À medida que fui me apropriando da técnica da música corporal e também do espaço da universidade, me senti cada vez mais seguro. Quando entrei, me sentia como um estudante em meio a uma multidão, por vezes me sentia perdido. A música corporal me fez mais capaz e ajudou a me “validar” como músico e artista. Não que essa validação fosse necessária, mas no momento inicial da faculdade fez a diferença para mim. Daquele momento em diante eu percebi que o que eu fazia, da maneira que eu fazia, só eu poderia fazer. Essa é a liberdade que a música oferece. Tanto a quem deseja se especializar e trabalhar com ela, mas também para quem tem interesse em

fazer uma vivência e descobrir novas possibilidades artísticas, físicas ou até com intuito de saúde e qualidade de vida.

No período pandêmico, o Batukatu seguiu trabalhando de maneira remota. Elinka criou novos vínculos em São Paulo e seguimos mantendo contato. O Batukatu vem trabalhando majoritariamente com projetos específicos, como por exemplo o Festival Barbatuques de Música Corporal, que foi promovido pelo Grupo Barbatuques e transmitido ao vivo no seu canal do Youtube, em abril de 2021. O festival contou com a presença de diversos artistas e grupos importantes da música corporal do Brasil e do mundo como Stênio Mendes (que foi um dos mentores do grupo Barbatuques, juntamente com o Fernando Barba), Carlos Bauzys (maestro responsável por escrever o Songbook dos Barbatuques), o grupo da Música do Círculo¹⁴ (coletivo de música corporal de São Paulo, formado através das ramificações de encontros promovidos por Fernando Barba e pelos grupos de estudo dos Barbatuques - como o Fritos, por exemplo), a Orquestra do Corpo¹⁵ (mais um coletivo de música corporal paulistano fundado por Fernando Barba e Stênio Mendes), o grupo Aié (de Santa Fé, Argentina), Keith Terry e Evie Ladin, incluindo o Batukatu e os próprios integrantes do grupo Barbatuques, que se dividiram nas mediações de cada entrevista e participação. Representando o Batukatu fomos eu, Elinka Matusiak, Gustavo Toreti e Iza Caldeira. Fizemos uma breve performance e participamos de uma entrevista com nossos anfitriões.

¹⁴ A Música do Círculo é um projeto que trabalha com essa prática musical usando como base uma metodologia desenvolvida e semeada pelos fundadores e principais facilitadores do projeto: Pedro Consorte, Ronaldo Crispim e Zuza Gonçalves ao longo de vários anos em São Paulo.

¹⁵ Grupo de música corporal fundado por Fernanda Barba e Stênio Mendes com o intuito de trabalhar arranjos com grandes massas sonoras ,com grupos ainda maiores que o Barbatuques.

1.3. Por que “Ngoma”?

Na época da pandemia, ouvi uma história contada por Luiz Antônio Simas¹⁶ em uma conversa com Marcelo D2, em uma live¹⁷, sobre o mito *bakongo* da criação. Os *Bakongos* são um dos grupos etnolinguísticos de Angola, originalmente situados no norte do país, mas também presentes na República Democrática do Congo e na República do Congo, na África Central.

Segundo o mito¹⁸:

“Um dia, cansado da solidão do poder Zambiapungo, o Ser Supremo dos cultos angolo-congoleses, foi tomado pela tristeza e decidiu desistir da criação do mundo. Os inquices, seus filhos, resolveram alegrá-lo, para que a criação não fosse interrompida. Katendê, o Senhor da medicina da floresta, macerou as folhas e preparou um banho para refrescar Zambi. Zaratempo criou as estações do ano: o calor do verão, os dias amenos do outono, o frio do inverno e as floradas da primavera. Matamba, a dona do balé espantoso dos relâmpagos, foi a próxima a tentar alegrar o Pai maior. Vunji trouxe as crianças, que começaram a dar cambalhotas e subir nas árvores. Angorô inventou o arco-íris depois da chuvarada. Gongobira coloriu os rios com peixes coloridos. Dandalunda mostrou a força das cachoeiras. Mutalambô caçou um pássaro gigante com a sua destreza de flecheiro. Nkosi forjou ferramentas diversas. Lembarenganga preparou um cortejo de pombas, cabras e caramujos. Zâmbi agradeceu o esforço dos inquices, mas continuou triste.

Finalmente restava Zazi, o Senhor do fogo. Ele consultou o oráculo para saber como alegrar Zambi. Seguindo as ordens do adivinho, sacrificou um bode branco, retirou a pele do bicho e repartiu a carne entre os inquices. Em seguida, usou o fogo para tornar oco o pedaço de um tronco seco da floresta. Sobre uma das extremidades do tronco oco, Zazi esticou o couro do animal e inventou Ngoma – o primeiro tambor. Zazi começou a percutir o couro com toda a força e destreza. Aluvaíá, aquele que os iorubás conheciam como Exu e os fons como Legbá, gingou ao som do tambor de Zazi. Em seguida, todos os deuses do Congo, ao batuque sincopado do Ngoma, fizeram a primeira festa na manhã do mundo.

Zambiapungo alegrou-se com o fuzuê. Ele deu a Zazi o título de Xicarangomo (expressão oriunda do quicongo que significa “tocador de tambor”) e anunciou que a criação não iria parar. Que viessem crianças, mulheres e homens para escutar Ngoma, cantar, dançar e alegrar a vida. E é por isso que os bakongos dizem que Ngoma, o tambor, será o pai de todos os que transgridem a dor em desafios de festa e liberdade.”

¹⁶ Luiz Antônio Simas é escritor, professor, historiador, compositor brasileiro, babalaô no culto de Ifá. Autor de mais de dezenove livros sobre cultura brasileira, história social, filosofia popular e religiosidades, tem diversas canções gravadas e artigos publicados em jornais e revistas.

¹⁷ Vídeo dessa história disponível em: [Marcelo D2 e Luiz Antônio Simas • O Mito Bakongo da Criação](#) Acesso em: 27 de janeiro de 2024.

¹⁸ Transcrição da narração do rapper Criolo, na música “Tambor, o Senhor da Alegria”, no álbum de Marcelo D2 “Assim Tocam os Meus Tambores”: [Marcelo D2 • TAMBOR, O SENHOR DA ALEGRIA. ft. Criolo](#) . Acesso em: 29 de janeiro de 2024.

Pensando em transgredir esses desafios, escolhi me inspirar nessa história e nomeei o espetáculo em referência a ela. Dito isso, por ser um show de música corporal, o tambor é nosso próprio corpo. Sendo assim, a ideia era ressignificar o mito, trazendo o corpo humano como o primeiro tambor da história. E para isso, usamos nossos próprios corpos como exemplo.

Capítulo 2 - Montagem do show

2.1 Repertório

“Bate Tambor” - arranjo sobre tema do congado mineiro (cultura popular)
música e letra: domínio público (tradição oral, transmitido por Mauricio Tizumba)

arranjo: Grupo Artístico BatuKatu

Letra:

Bate tambor, bate tambor

Hoje é dia de alegria, hoje é dia de alegria

Hoje é dia de alegria no céu na terra e no mar

"Groove das Alturas"

música e letra: Gustavo Toreti

arranjo: Grupo Artístico BatuKatu

Letra:

É o batuque do pé, é o batuque da mão

É o batuque do peito, baque do coração

Que eu faço sem querer, que eu faço sem saber

Que eu faço sem porquê, esse é o meu ser

Ser musical, ser sentimental,

Ser racional, inteiro, corporal

Se o batuque é bom, sagrado e pra animar

Em pele de cabra ou corpo de jacarandá

O meu próprio esqueleto é mágico demais

É o objeto mais sagrado que eu ganhei dos meus pais

Se não tem atabaque, agogô ou ganzá

Não tem importância vem com a gente brincar

É pra isso que existimos: só pela diversão

Nesse mundo tão louco onde o trabalho enlouquecido é considerado são

É, é, é, é, é, é considerado são

"Pá-Pó" - composição coletiva cênico-musical inspirada em groove anônimo de funk/pop

música: Grupo Artístico BatuKatu

“Barbatucar” - Medley-tributo em homenagem a Fernando Barba e Barbatuques

(Barbapapa's Groove, Baianá, Baião Destemperado)

letras e melodias adicionais: Gustavo Toreti

arranjos vocais: Elinka Matusiak

Letra:

Na Mata cinza surge um *Baque Diferente*

E ele vem com um *Cheiro Verde* faz a gente se inspirar

Abduzidos pelo som fomos curtindo

Tanto Tom, um *Cromossom*, que *Num Deu Pra Credita*

Maracafunk, samba rock e *Skamenco*

E um *Baião Destemperado* com tempero pra alegrar

Tanta mistura, tanto som, tanta riqueza

Tá Na Roda essa beleza feita pra *Barbatucar*

Se *Você Chegou* foi pra melhorar

Tudo Fica bom se a gente se juntar

E *Mãos À Obra E Pé Na Tábu*a e vem com a gente brincar

Um *Marinheiro Só* não faz a jangada andar

Na Tribo do *Tum Pá*

Obs: As palavras em itálico na letra dessa música são nomes de peças do grupo Barbatuques e/ou do grupo Batukatu.

“Coco do Norte” - adaptação da interpretação de Jackson do Pandeiro

música e letra: Rosil Cavalcanti

arranjo: Lucas Moraes e Grupo PIÁ

Participação especial: Grupo PIÁ

Letra:

Oi responda esse coco com palma de mão

Isso é coco do Norte, nunca foi baião.

No coco do Norte tem caracaxá

Zabumba, ganzá, poeira do chão

Coqueiro fazendo improvisação

Compadre e comadre seguro na mão

Batendo umbigada com palma de mão.

Oi responda esse coco com palma de mão

Isso é coco do Norte, nunca foi baião.

No coco do Norte tem Pedro, tem Joca
 Tem Dida, tem Noca, tem Paulo, tem João
 Tem Chica Canção, Didi Sebastiana
 Dedé e Joana na palma da mão
 Isso assim é coco nunca foi baião.

“Cromossom”

música e letra: Fernando Barba e Barbatuques
 Participação especial: Paola Kirst

“Sequência Minimal/Contágio Livre” - exercício de improvisação derivado
 das pesquisas de Stênio Mendes
 Participação especial: Paola Kirst

“Primeiro Tambor”

música e letra: Lucas Moraes
 arranjo: Lucas Moraes/Cristiano Morales/Gustavo Toretí

Letra:

Peço licença pra vocês pra cantar nesse momento
 Venho humildemente mostrar meu melhor instrumento
 É o corpo, tambor, minha voz é motor
 O sabor da vida é cantar sim senhor
 Não tem grade, não tem algema
 que segure a alegria plena
 de ser início, meio e fim
 do seu próprio poema
 Quero cantar, quero encantar
 E que cantem comigo se assim desejar

Pois andorinha só a gente sabe que não faz verão,
 mas se preciso for eu trabalho as quatro estação
 "Não existe almoço grátis" sei que você já ouviu
 Ninguém disse que ia ser fácil, mas sério, puta que pariu
 Tamo matando um leão por dia, sem arma nem serrote
 E quando vai ver, no amanhecer, ele deixou dez filhote
 Cada vez maior forte, cada vez maior e mais esperto
 E só os melhor aliado são os que quero por perto
 Só a galera de fé, junto na boa e na ruim
 E até os que bate de frente querendo o melhor pra mim

Porque crescer é difícil, meu mano, pode crer
Todo dia um milhão de exemplo do que não fazer
Graças a Deus minha mãe me deu caráter desde bem menino
E o resto das dicas eu fui pegando nos fones de ouvido,
Pelas rodas de samba, palcos, blocos de rua
Cada nova referência me acompanha à luz da lua

Às vezes eu canto baixinho de profunda tristeza
ou quase viro um romeu no pé do ouvido da minha princesa
Porque eu e microfone é igual bola e Ronaldinho
Toca pra mim que eu saio costurando eu sou de abrir os caminhos

Assim como abriram caminhos pra eu poder estar aqui
e é por essas pessoas que eu não posso desistir
Comigo sempre levo um time, bem mais de onze em campo
Torcida de encher estádio e botar medo nos marmanjo
Sou eu porque somos nós, ubuntu até o fim
mas sou também todos aqueles que vieram antes de mim
Tenho seu canto em minha voz e o ritmo em meu corpo
E toda vez que faço um som eu sinto tudo de novo
Como um fluxo de pensamento que não dá pra vacilar
Mas o erro sempre foi direito de quem tenta acertar
Chico nas antiga já avisou pros atrasa-lado
que o bem que eu fizer pra sempre vai ser meu advogado

E eu saúdo os presentes pois merecem toda a glória
e não se esqueça: você é o primeiro tambor da história!
Então canta, batuca e sorri
De consciência limpa, como se nada devesse
Seja o *Corpo do Som* e lembre de Fernando Barba, pois *O Seguinte É Esse:*
A Vida Começava Lá, mas ela continua aqui.

Obs: Assim como na peça “Barbatucar” aqui temos referências às fontes das quais bebemos. *Corpo do Som* e *O Seguinte É Esse* são os nomes dos dois primeiros álbuns do grupo Barbatuques. E *A Vida Começava Lá* é o título da biografia do Fernando Barba, livro que foi muito importante para mim e fiz questão de levar ao palco no dia do show e apresentar a todos ao final dessa peça. Barba esteve conosco, tenho certeza.

“Êh Êh”

música e letra: Fernando Barba

"Baque Diferente"

música e letra: Caroline Berriel e Elinka Matusiak

arranjo: Grupo Artístico BatuKatu

Letra:

Eu quero abrir o coração para criar uma canção e fazer a batucada

Esse tal de baque é diferente, precisa do corpo da gente, nessa música inventada

Explorando os sons a gente brinca e o corpo segue a ginga, alegrando toda a moçada

É batuque do bom, é baque do bem, é Batukatu

É batuque do bom, é baque do bem, é Batukatu

“Kererê”

música e letra: André Hosoi

Participação especial: Coro (Iasmine Dornelles, Ianaê Régia, Manuela Pavoni, Carol Schaffer, Eduardo Alves, Jaime Ricachenevsky, Bruno Mezzomo e Guilherme Roman)

Bis (homenagem a quem suou para o meu som soar):**“A Bênção”**

música e letra: Celso Viáfora

Participação especial: Paola Kirst, Conrad Fleck, Agatha Sant'anna, Mariana Wortman e coro (Iasmine Dornelles, Ianaê Régia, Manuela Pavoni, Carol Schaffer, Eduardo Alves, Jaime Ricachenevsky, Bruno Mezzomo e Guilherme Roman)

Letra:

A bênção o que toca lata no pelô

A bênção o que toca flauta no metrô

A bênção o tamborim mirim da beija-flor

E o velho bombardino do interior

A bênção quem primeiro batucou em algo oco por dentro

A bênção quem primeiro tirou música do sopro do vento

A bênção quem primeiro conseguiu resumir o sentimento

Na frase musical que pôs no ar

Oh, bença quem suou

suou pro meu som soar

A escolha deste repertório descrito acima, foi um processo bastante delicado e diretamente conectado com a escolha do grupo que iria compor o elenco do show. Como havia pouco tempo de ensaio e alguns integrantes do elenco não estavam no mesmo estado (Elinka e Iza vivem em São Paulo), foi preciso considerar também esses fatores na hora de escolher as peças.

Quando pensamos sobre o conceito de repertório em música, estamos nos referindo a um conjunto que compartilha uma característica em comum. Uma *playlist* é um exemplo de repertório, ainda que as músicas não tenham semelhança entre si. Uma *playlist* formada por músicas que gostamos, contempla perfeitamente o conceito de repertório, sendo o laço afetivo do responsável pela *playlist*, a característica em comum entre as músicas, o que é suficiente.

No início desse processo, a escolha do repertório deste show foi baseada nesse vínculo afetivo com músicas importantes na minha trajetória na música corporal. Nesse contexto, foi preciso considerar também os critérios técnicos envolvidos. Algumas das peças escolhidas estão entre as primeiras músicas idiomáticas de música corporal que aprendi. Peças do Barbatuques que me foram ensinadas pela querida Elinka, com todo seu carinho e atenção. Quando entrei no Batukatu, a Elinka me lançou alguns desafios. Eu estava tão imerso e determinado a me aprofundar nesse universo da música corporal que os desafios pensados para uma semana eram resolvidos no mesmo dia, juntamente com a Caroline Wuppel¹⁹, minha querida dupla que participou desse processo de iniciação junto comigo. Ao pensar nos primeiros *grooves*, me preenchem novamente os sentimentos do desafio a ser vencido, a perseverança do exercício e o prazer da apropriação da técnica. Foi pensando nisso que músicas como *Cromossom*, *Êh Êh*, *Pá Pó* e *Groove nas Alturas* foram escolhidas.

Após alguns meses sob orientação da Elinka, ela acabou se mudando para São Paulo e segui meus estudos de maneira mais independente, mas ainda com a mesma paixão. Um dos meus desafios no período pandêmico foi tirar sozinho a música “Kererê”, dos Barbatuques, composta por André Hosoi.

¹⁹ Caroline Wuppel é dançarina, percussionista e professora de salsa e timba. Ganhadora do Prêmio Açorianos de Dança de Salão 2019.

Na aula de percepção musical, na UFRGS, a professora Ana Fridman me incentivou muito e adorou a ideia. Ana que, inclusive, não só foi colega de faculdade de alguns dos fundadores do Barbatuques como Fernando Barba, André Hosoi e Lu Horta, como foi a diretora cênica do maior espetáculo feito pelo grupo (*Ayú*, espetáculo que conta com “Kererê” no repertório), disse ainda que mandaria meu vídeo para o André Hosoi quando eu conseguisse completar a missão. Era a primeira vez que eu fazia um exercício como esse e “Kererê” não é uma música tão simples assim. Primeiro reconheci os padrões presentes na música dos gêneros que já me eram familiares como o xote, o coco e o maracatu. Em seguida, a estrutura foi ficando cada vez mais clara, até que eu conseguisse juntar todas as partes no produto final²⁰.

No que se refere a estudo, eu sou um repetidor. Gosto de fazer o mesmo *groove* em looping várias e várias vezes, até porque, especialmente na música corporal, tão importante quanto processar cognitivamente os movimentos, entender plenamente a sequência, é fazer com que o corpo também se aproprie disso por meio da memória muscular. E o jeito de fazer isso quase sempre vai ser o exercício repetitivo.

Apesar de estar me formando bacharel, já estou há alguns anos estudando e trabalhando na área da educação. E era extremamente importante para mim que o viés de educador estivesse presente nesse show. Sendo assim, convidei o Grupo PIÁ (FACED/UFRGS) para fazermos um arranjo de *Coco do Norte*²¹. O PIÁ, como já mencionei acima, é coordenado pela professora Dulcimarta Lino, que valoriza muito a música corporal nas nossas atuações. Sendo assim, escolhi um de nossos arranjos para compor esse repertório.

E, por fim, mas não menos importante, sempre foi um desejo meu ter uma música minha nesse show. “Primeiro Tambor” nasceu em uma das aulas de Composição de Canção, ministrada pelo professor Luciano Zanatta. Nessa cadeira, dialogamos e debatemos muito sobre as composições dos colegas e

²⁰ Primeira gravação do Kererê realizada em 20 de outubro de 2020. Disponível em: <https://youtu.be/YVqy8JV7ESY> Acesso em: 29 de janeiro de 2024.

²¹ Grupo PIÁ executando a música "Coco do Norte" de Rosil Cavalcanti, eternizada por Jackson do Pandeiro, em ensaio realizado no dia 28 de junho de 2023. Disponível em: <https://youtu.be/-p7KDyCHwR4> Acesso em: 29 de janeiro de 2024.

sobre as nossas também, nos levando a profundas reflexões sobre nossos processos de composição. Quando apresentei uma outra música minha, desencadeou-se na sequência um debate sobre como o ingresso na universidade havia diminuído a frequência de composições. Não só pela questão de tempo, mas também por um fator acadêmico. À medida que fui aprendendo mais sobre teoria, percepção, harmonia, ao invés de acrescentar essas novas descobertas aos meus processos, o pensamento excessivo nas regras da música tonal começou a travar as minhas composições. Pensar demais me levou a compor cada vez menos. Sendo assim, combinei com o professor Zanatta que iria me esforçar para que minha segunda composição para a cadeira fosse feita da maneira mais natural e espontânea possível. Me esforcei para deixar que meus primeiros estímulos viessem e se apresentassem sem julgamentos. E assim foi: vieram quatro naipes de percussão corporal, duas linhas melódicas vocais e sobre essa base escrevi uma letra. O nascimento de “Primeiro Tambor” foi lindo, me senti cada vez mais livre depois dessa experiência.

2.2 Grupo de performers

- Lucas Noatto de Moraes
- Gustavo Toreti
- Cristiano Morales
- Elinka Matusiak (SP)
- Iza Caldeira (SP)
- participação especial: Paola Kirst
- participação especial: Grupo PIÁ

A escolha do grupo aconteceu quase que de maneira concomitante à escolha do repertório. A ideia inicial era contar com um grupo maior, inclusive, talvez oito integrantes, para compor o show na íntegra. Os critérios principais dessa escolha diziam respeito ao conhecimento técnico de música corporal e à aptidão para o canto em conjunto. Sendo a maior parte da minha caminhada na música na área do canto coral, havia muitos excelentes cantores à disposição, felizmente. Já a destreza na música corporal era mais escassa. Dito isso, eu estava disposto a ensinar alguns amigos (o que também traria mais uma vez o viés de educador para foco) escolhidos com carinho e igualmente dispostos a aprender sobre música corporal e apropriar-se desse repertório.

Considerando a disparidade de experiências de cada um, essa estrutura geraria uma dificuldade de andamento nos ensaios ou, na melhor das hipóteses, uma necessidade de ensaios extras. Consequência essa que é completamente compreensível e, como educador, estaria disposto e preparado para lidar com tal situação. No entanto, no pouco tempo hábil disponível para ensaio que tínhamos, comecei a pensar em um modelo alternativo.

Comecei a pensar na estrutura que o Batukatu tinha quando conheci o grupo. Por muito tempo o grupo de performance foi um quinteto. Eu já sabia que poderia contar com o apoio da Elinka e também já havia conversado com o Cristiano Morales²², pois nos encontrávamos com frequência nos blocos de rua em Porto Alegre e mantivemos contato após a saída dele do Batukatu. Pensando no meu privilégio em poder contar com dois integrantes tão experientes na música corporal, decidi tentar montar um grupo com os

²² Cristiano Morales é graduado em Música pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), violonista de formação, e também trabalha como programador. Nascido em Pelotas (RS), veio a Porto Alegre para ingressar no Batukatu e foi integrante de 2015 até 2019.

melhores percussionistas corporais que eu conhecia e tinha acesso. Todas as pessoas que eu tinha em mente nesse quesito também cantavam, então me tranquilizei quanto a isso. Havendo necessidade de alguma adaptação, o faríamos na sequência.

Conversei com o Gustavo Toreti²³ e ele também topou a ideia. Quando eu ingressei no Batukatu, o Gustavo já havia saído, mas a Elinka sempre me falou dele em alta estima, da sua proficiência técnica, da sua humildade e da sua gentileza. Já havíamos nos visto uma vez ou outra, mas fiquei muito ansioso ao saber que iríamos trabalhar juntos pela primeira vez.

Nesse cenário, seria necessária ao menos mais uma voz feminina para compor um equilíbrio entre as vozes. Perguntei para a Elinka, já que ela viria de São Paulo para o show, se não tinha alguém por lá que ela conhecesse para indicar. E ela me indicou a queridíssima Iza Caldeira²⁴. Não conhecia a Iza pessoalmente, mas a Elinka também já havia me falado dela em outros momentos e eu já acompanhava seu trabalho nas redes sociais. Elinka já estava juntando pessoas de São Paulo para somar no Batukatu e a Iza era uma delas. Participamos juntos do Festival Barbatuques de Música Corporal que aconteceu online em abril de 2021, ainda durante a pandemia da COVID-19. Nesse festival, inclusive, já estávamos juntos eu, Elinka, Iza e Gustavo. Mesmo não fazendo mais parte do grupo, o Gustavo topou participar desse projeto pontual e estive com a gente na entrevista e bate-papo que fizemos com o Barbatuques (naquele dia representados pelos queridos André Hosoi, Renato Epstein, Giba Alves e Helô Ribeiro). Foi um momento super especial para mim e que guardo com muito carinho.

Assim, com o encontro desse quinteto (os quatro que estavam reunidos no festival, acrescentando o Cristiano), bati o martelo sobre o grupo base desse show de graduação. Sabia que poderia contar com profissionais da música corporal, pessoas de alto nível técnico, capacitadas para fazer o repertório que

²³ Gustavo Toreti é percussionista e agente socioeducador. Atuando em Porto Alegre, foi integrante do Batukatu desde 2012 até 2018.

²⁴ Iza Caldeira é licenciada em Artes Visuais pela Faculdade Metropolitanas Unidas (FMU) e é pós-graduanda em Percussão Brasileira na Faculdade Santa Marcelina (FASM). Integra também o grupo da Música do Círculo e a Orquestra do Corpo, ambos grupos de referência de música corporal em São Paulo que nasceram através de ramificações oriundas do trabalho do Fernando Barba e dos Barbatuques.

eu desejasse, e isso me deixou muito feliz. No entanto, restava resolver a questão de estarmos metade do grupo em cada estado do país: duas pessoas em São Paulo e as outras três, no Rio Grande do Sul. Eu já sabia que teríamos poucos ensaios juntos, mas fiz essa aposta mesmo assim porque confiava de olhos fechados em cada um deles. Uma aposta arriscada para a demanda que devíamos dar conta? Talvez. Mas como disse o escritor estadunidense Ernest Hemingway (1899 - 1961) “quem estará nas trincheiras ao seu lado importa mais do que a própria guerra”.

Restava então decidir algumas participações especiais para esse momento único. Minha vontade era convidar diversos artistas e amigos queridos e encher o palco de participações em todas as músicas formando uma festa infinita. Infelizmente, precisava colocar o pé no chão e pensar que cada uma dessas participações geraria um outro ensaio e o tempo livre na minha rotina era curtíssimo. Em um cenário ideal, gostaria de poder convidar outros artistas como, por exemplo: Ana Fridman, Federico Trindade (Uruguai), Maxi Maglianese²⁵ (Argentina) e Dionísio Souza²⁶. Esses são alguns dos artistas que também trabalham com música corporal e que eu poderia convidar para trabalhar junto. Alguns poderiam ter empecilhos de datas, outros de movimentação para ensaios, outros por acúmulo de demandas, mas espero que consigamos construir outros projetos, em conjunto, no futuro.

Dentre as minhas participações mais desejadas, uma pessoa não poderia faltar: Paola Kirst²⁷. Paola é uma artista que eu acompanho há bastante tempo. Conheci ela pela sua parceria com o Pablo Lanzoni. Paola é uma artista encantadora e, ao conhecê-la mais de perto, pude perceber que é uma pessoa tão incrível quanto. Ela, juntamente com o coletivo da Pedra Redonda, facilitou uma oficina do educador Maxi Maglianese, via Zoom, em 2021, ainda na época da pandemia. Paola facilitou também a vinda de Maxi a Porto Alegre em

²⁵ Maximiliano Maglianese é músico e compositor de Santa Fé (Argentina). Importante pesquisador dos ritmos latinoamericanos e um dos idealizadores do movimento *Latido Americano - escuela de percusion corporal*.

²⁶ Dionísio Souza é baixista e músico corporal natural de Rio Grande (RS). Fizemos algumas oficinas e ensaios junto com a Paola Kirst.

²⁷ Paola Kirst é uma cantora e compositora natural de Rio Grande (RS) formada em Artes Visuais pela FURG (Universidade Federal de Rio Grande). Paola também é integrante do coletivo da Pedra Redonda.

dezembro de 2022, quando pudemos fazer oficinas presenciais com ele e abertas ao público. Foi um momento muito especial em que pude conhecer pessoalmente e trocar experiências com uma das principais referências da música corporal latino-americana. Maxi é um excelente exemplo de educador e pessoa mais especial ainda.

O corpo é nosso primeiro instrumento musical. A oficina de música corporal nos permite conectar com nosso próprio corpo, fazê-lo soar e, com os demais, criar um corpo sonoro coletivo (MAGLIANESE, Maxi. 2022)

Essa citação do Maxi, em uma conversa que fizemos na oficina realizada dia 17 de dezembro de 2022, me tocou muito. Paola estava presente e percebi que o corpo como instrumento, para ela, como artista, era um assunto de interesse também. Fiquei extremamente feliz ao perceber que tinha encontrado uma parceria, não só com uma artista incrível, mas também com uma pessoa engajada a conectar outros interessados nesse mesmo movimento e em ajudar a música corporal a crescer na nossa região. Seguimos fazendo alguns encontros com amigos interessados e estreitando esses laços. Temos tudo para concretizar esse pontos e seguiremos trabalhando juntos. Pensei que poderíamos começar por Ngoma e foi lindo. Obrigado Paola!



Oficina de percussão corporal com Maxi Maglianese realizada na Cadica Danças e Ritmos, no dia 17 de dezembro de 2022. (foto de acervo pessoal).



Maxi Maglianese e eu no dia dessa mesma oficina. (foto de acervo pessoal).

Finalmente, mas não menos importante, a participação mais que certa do grupo onde eu tenho espaço para todo tipo de experimentação como educador: o PIÁ. O PIÁ, projeto de extensão ligado à FAGED/UFRGS, é formado por músicos, atores e educadores que trabalham levando música às escolas da região metropolitana de Porto Alegre. Na música, tão importante quanto o estudo, seja individual em casa ou coletivo em aula, é ter um espaço de prática onde se possa fazer experimentações com base no que se aprendeu. O PIÁ é esse espaço para mim desde 2022. Mas desde muito antes ainda, a coordenadora Dulcimarta Lino acompanha o trabalho do Batukatu e a Elinka também sempre acompanhou o trabalho do PIÁ. Foi em um desses encontros que eu conheci ambos os grupos, em 2019, e iniciou-se esse processo que relato aqui agora. Sou muito grato aos encontros proporcionados por essas educadoras tão obstinadas em trocar e aprender com suas movimentações artísticas. Sou grato também por poder trocar com os artistas incríveis que compõe e já compuseram esse grupo itinerante maravilhoso. Tenho o privilégio de poder fazê-lo uma vez mais com a participação do PIÁ em Ngoma. Muito obrigado, PIÁ!



Grupo PIÁ no show de encerramento do Salão UFRGS 2023. (foto de Nádia Beatriz de Fraga Gomes).

2.3. Ensaios

Chegou o momento de resolver o maior quebra-cabeça do show inteiro: os ensaios. Tendo duas das integrantes em São Paulo e outros dois em Porto Alegre, como conciliar isso? O repertório foi escolhido justamente pensando nos artistas que iriam executá-lo. Ou seja, 90% desse repertório já estava lido ou já havia sido feito por esse grupo, por serem ex-integrantes do Batukatu, com exceção da Iza Caldeira. Parte do repertório era composição oriunda dos processos de estudo do Batukatu (criado pela Elinka e que o Cristiano e o Gustavo fizeram parte por muitos anos) e outra parcela era repertório do Barbatuques (grupo de próxima convivência à Iza em São Paulo e que foi referência para todos nós no Batukatu desde sempre).

Sendo assim, todo mundo sabia o que fazer e o que estudar. No entanto, Elinka e Iza estavam em São Paulo trabalhando com a Orquestra do Corpo e a Iza ainda com a Música do Círculo; já o Cristiano e o Gustavo estavam sem trabalhar com música corporal desde que saíram do Batukatu, ou seja, estavam parados há uns quatro anos. Mesmo assim, eram as melhores referências que eu tinha por perto e sabia que podia confiar neles. Com muito carinho, fiz o convite para que eles saíssem da “aposentadoria” para montar esse espetáculo e eles toparam na hora, para a minha felicidade.

Para começar, precisava alinhar as ideias com quem estava mais distante e direcionar o trabalho dali em diante. Combinei com a Elinka de ir a São Paulo para ensaiar e dar início aos preparativos do recital. Dia 19 de setembro de 2023 entrei em um ônibus com destino à Rodoviária do Tietê, em São Paulo. Foram 20 horas de estrada intercalando Netflix e estudos. Desembarquei já no dia 20 e, por conta de um outro compromisso, Elinka não pode me buscar na rodoviária. Me chamou um uber para a casa dela e fui recebido pelo seu companheiro Alberto. Quando ela chegou em casa com as meninas dela, Helena e Clara, foi uma festa. Fazia quatro anos que não nos víamos. Muita saudade envolvida. Fiquei na casa dela por uma semana ensaiando e conhecendo São Paulo. Nos primeiros dias conversamos sobre os rumos do Batukatu, novos projetos, novas parcerias. Depois fomos nos alinhando quanto ao repertório do show. A Iza mora em Diadema, uma cidade

próxima à São Paulo, mas só vinha para a capital para nos encontrarmos e ensaiar, no sábado.

Como programado, o primeiro ensaio foi realizado no dia 23 de setembro de 2023, em um final de tarde, no Parque da Água Branca, em Perdizes, São Paulo. Encontramos uma estrutura amarela coberta com um bom espaço para nos movimentarmos. O chão não soava tão bem e havia um galinheiro por perto que as galinhas ficaram fazendo barulho quase que o ensaio inteiro. Aquele espaço do Parque da Água Branca lembrava muito o nosso Recanto Africano e o Coreto do Parque da Redenção, em Porto Alegre, espaços nos quais fazíamos nossos “Encontrões” abertos com o Batukatu em outros tempos.

Nesse cenário, seguimos ensaiando as músicas que já faziam parte do repertório do Batukatu e eram composições originais de integrantes do grupo, pois considerando os contatos prévios em São Paulo, já existia bastante conhecimento e material para que a Iza estudasse as peças do Barbatuques, por exemplo. Sendo assim, focamos especialmente no “Baque Diferente”²⁸ naquele ensaio. Na divisão da estrutura da música alternando entre o samba e o maracatu, no cânone de naipes feito pelo grupo e por aí adiante.

Logicamente, algumas das ideias eram difíceis de compreender à primeira vista para a Iza pela ausência de outros dois integrantes. Apesar do Cristiano e o Gustavo não estarem presentes, eu e a Elinka já os conhecíamos e já havíamos feito esse repertório, então as convenções estavam mais frescas na memória. Dito isso, mesmo que naquele momento eu só tivesse uma semana em São Paulo, estava tranquilo que a Iza seguiria os estudos dessas e das outras peças, sob a orientação da Elinka. Tendo feito parte de praticamente todas as composições e arranjos dessas peças, não havia ninguém melhor capacitado para guiar esse estudo na minha ausência. Inclusive, por essa parceria e confiança sou muito grato, mais uma vez. Poder contar com a Elinka

²⁸ Primeiro ensaio do “Baque Diferente” para o espetáculo “Ngoma” realizado no Parque da Água Branca em Perdizes, São Paulo, no dia 23 de setembro de 2023. Segue o vídeo do ensaio: <https://youtu.be/liCLgHT2ncs>. Acesso em: 29 de janeiro de 2024.


O ensaio foi carinhosamente invadido por uma criança que se encantou com a música corporal e começou a dançar e batucar junto com o grupo.

para capitanear esses ensaios em outro estado, na minha ausência, foi fundamental. E, mesmo tendo apenas recentemente conhecido a Iza pessoalmente, ela também ter comprado essa ideia me emociona muito. A Elinka sempre me apoiou 100% desde o início e Iza é uma pessoa de um coração gigante pela qual me encantei desde o primeiro dia e fiquei extremamente contente com a confiança dela para trabalharmos juntos. Foi tudo mundo lindo desde o início. Iza ficou na casa de Elinka naquele dia, e assim, aquele final de semana se tornou uma espécie de retiro.

No domingo, dia 24 de setembro de 2023, tínhamos dois compromissos de eventos a comparecer. O primeiro era o ensaio da Orquestra do Corpo, pela manhã. Infelizmente, esse ensaio foi cancelado devido a alguns integrantes do grupo terem positivado para COVID-19, naquela semana. Fiquei bastante chateado pois naquele ensaio eu iria poder conhecer o Stênio Mendes, que trabalhou junto com o Barba desde o início, sendo mais um guru para o grupo Barbatuques e a maior autoridade viva em música corporal no Brasil. Alguns integrantes do Barbatuques também fazem parte da Orquestra, como a Taís Balieiro, e eu poderia também rever antigas parcerias, como a Ritamaria, que nos visitou em Porto Alegre para um “Encontrão” do Batukatu, em março de 2020. Dito isso, a Elinka estava perfeitamente bem de saúde porque não havia comparecido nesse ensaio da semana anterior em que vários integrantes se contaminaram. Ou seja, eu perdi a oportunidade de aproveitar esse ensaio incrível, mas se a Elinka estivesse contaminada também eu teria perdido a viagem inteira. Dos males, o menor.

Aproveitamos nossa manhã livre para ensaiar um pouco mais. Focamos na música “Groove nas Alturas”, nesse segundo ensaio²⁹, trabalhando, em especial, a estrutura, posicionamento de palco e vozes. Nosso outro compromisso, então, à tarde, era a Fritura Livre³⁰ da Música do Círculo. Esse era um encontro aberto, assim como os “Encontrões” do Batukatu, em Porto

²⁹ Segundo dia de ensaio em São Paulo trabalhando o "Groove nas Alturas", composição de Gustavo Toreti, dia 24 de setembro de 2023 (com participação especial do Dova). Vídeo: <https://youtu.be/pdD41DCQkUU> Acesso em: 29 de janeiro de 2024.

³⁰ As Frituras Livres são encontros abertos e gratuitos de Música do Círculo, uma prática de improvisação com grupos que integra música vocal, percussão corporal, movimento e desenvolvimento humano. Vídeo:  Fritura Livre Acesso em: 29 de janeiro de 2024.

Alegre, mas com outra metodologia. O grupo de Música do Círculo que promove esse evento, coordenado por Zuza Gonçalves, Ronaldo Crispim e Pedro Consorte, derivou de encontros promovidos pelo Barba. No seu livro “A Vida Começava Lá: uma história de repercussão corporal”, Barba conta que havia um grupo que ensaiava nas quartas-feiras. Havia mais pessoas interessadas nesse movimento que não podiam comparecer a esse encontro de quarta e outros que queriam “fritar” na música corporal ainda mais. Assim, nasceram os “Fritos de Terça”, um outro grupo que queria praticar mais e mais e, para não atrapalhar o primeiro ensaio, começou a ensaiar nas terças. O grupo foi derivando, mudou de nome até solidificarem sua própria metodologia de condução e se tornarem o projeto Música do Círculo. Fazendo alusão ao nome que criou o grupo, manteve-se a referência dos seus encontros abertos como “Fritura Livre”.

Na Fritura Livre de Música Circular, qualquer pessoa com ou sem experiência é bem-vinda. Inclusive, aparecem pessoas de outros estados (como eu) e até de outros países (no dia que fomos havia visitantes da Inglaterra, Bélgica e do Canadá). A ideia é fazer música coletivamente e sem



Lucas Moraes, Zuza Gonçalves, Elinka Matusiak e Iza Caldeira, na Fritura Livre de setembro de 2023. (foto de acervo pessoal).

parar. Inicia-se com um estímulo sonoro espontâneo ou com uma regência a cargo de um condutor. No dia em que participamos, quem estava conduzindo era o Zuza Gonçalves. Auxiliando ele, ainda estavam a Iza e um outro colega chamado Lucas Itacarambi. Zuza, Ronaldo e Pedro ainda promovem cursos de formação de condutores da Música do Círculo. A Iza e o Lucas estavam conduzindo também, pois estão fazendo esse curso de formação. Ou seja, além de ser um espaço de experimentação aberto a todos os públicos, ainda é um espaço de prática e capacitação para quem já tem experiência.

No domingo, dia 24 de setembro de 2023, nos reunimos no Parque Ibirapuera, em uma tarde muito quente, para fazer música. A performance³¹ durou 2 horas e 5 minutos e foi uma das experiências mais transcendentais que já vivi. Nosso corpo é tomado por um sentimento único ao viver aquele momento e nada além daquilo parece importar. O grupo ficou tão envolvido com o peso desse acontecimento que aproveitamos a companhia uns dos outros e fomos jantar juntos na sequência. Isso tudo sem falar da minha alegria em conhecer pessoalmente o Zuza, umas das maiores referências da Música Circular no Brasil.

Fiquei em São Paulo por mais dois dias preparando o repertório com a ajuda da Elinka e tivemos um terceiro ensaio³² com a Iza, no dia 26 de setembro de 2023, logo na tarde antes de eu ir embora. Na viagem de volta, diversos problemas fizeram o caminho durar 24 horas, mas cheguei realizado com uma semana incrível, só pensando e trabalhando com o que mais amo fazer que é a música corporal.

No retorno a Porto Alegre já entrei em contato com o Cristiano e o Gustavo para começarmos nossos ensaios. Estava super animado. O único problema é que não tínhamos um espaço físico fixo para ensaiarmos. Acredito que poderíamos ter ido atrás de alguma parceria fixa que garantisse esse espaço para nós e conseguiríamos sem muitos problemas. Até na própria universidade, poderíamos ter usado salas do próprio Instituto de Artes. No entanto, considerando a proximidade do primeiro Colóquio dos Projetos de Graduação em Música Popular, no qual eu precisava apresentar meu trabalho em andamento, o final de semestre da minha graduação em Pedagogia na PUCRS, a nossa mobilidade de horários tendo em vista que o Gustavo trabalha dia sim, dia não, e a urgência das demandas, a questão do espaço para os ensaios acabou ficando em segundo plano. O importante era ensaiar, independente de onde. Inclusive, agradeço muito a compreensão e apoio dos dois nesse sentido.

³¹ Registro da Fritura Livre dia 24 de setembro de 2023 no Parque Ibirapuera, em São Paulo. Vídeo: <https://youtu.be/b3rcbuYUv90> Acesso em: 29 de janeiro de 2024.

³² Terceiro ensaio para o recital focado na música "Barbatucar" realizado dia 26 de setembro de 2023. Vídeo: <https://youtu.be/UCrj44Enm7l> Acesso em: 29 de janeiro de 2024.

Iniciamos nossos ensaios no dia 10 de outubro de 2023 e nos encontramos na Casa de Cultura Mário Quintana (CCMQ). Ensaíamos³³ em uma das sacadas com uma boa vista e algumas pessoas sempre passando e observando. Em um primeiro momento, conversei com o Cristiano e com o Gustavo sobre a ideia do recital, eles ficaram animados com a mobilização para fazer música corporal mais uma vez. A maior parte do repertório eram peças já velhas conhecidas nossas, mas nossa principal missão era resgatar essa memória muscular e aprender as peças novas.



Lucas Moraes, Cristiano Morales e Gustavo Toretí no primeiro ensaio do recital em Porto Alegre, na Casa de Cultura Mário Quintana dia 10 de outubro de 2023. (foto de acervo pessoal).

Trabalhamos resgatando essa memória, com diversas dúvidas ainda quanto a esse repertório. Algumas das peças foram resgatadas de um espetáculo realizado pelo Batukatu em 2017, inclusive usando uma gravação desse show na íntegra como base. Precisávamos lembrar das chamadas, dos naipes de cada um, porque, na maior parte das vezes, havia poucos registros escritos. As partituras alternativas³⁴ (em tabelas de Excel, por exemplo) desenvolvidas no grupo de estudos do Batukatu, costumavam ser usadas, na maioria das vezes, para aprender músicas novas do Barbatuques. As músicas originais do Batukatu ficavam mais registradas no corpo e na memória devido à

³³ Primeiro ensaio em Porto Alegre com Lucas Moraes, Cristiano Morales e Gustavo Toretí executando a música "Barbatucar" na Casa de Cultura Mário Quintana (CCMQ) dia 10 de outubro de 2023. Vídeo: <https://youtu.be/KkHlItlxJA> Acesso em: 29 de janeiro de 2024.

³⁴ Exemplo de partitura em Excel da música "Barbapapa's Groove", composição de Fernando Barba. Material desenvolvido por Elinka Matusiak e Gustavo Toretí no Grupo de Estudos do Batukatu em 2012. Link: [Cópia de Transcrição "Barbapapa's Groove" \(Fernando Barba\)](#) Acesso em: 30 de janeiro de 2024.

quantidade de ensaios. E era essa memória que precisávamos resgatar naquele dia. Feito esse momento de repassar as peças já conhecidas, mostrei para o Cristiano e para o Gustavo o *groove* de introdução³⁵ do “Kererê”, que seria nosso maior tema de casa.

E foi nessa mesma estrutura que seguimos nossos ensaios. No dia 18 de outubro, nos encontramos na CCMQ novamente. Ensaíamos o “Kererê” completo pela primeira vez. O maior problema dos ensaios era o óbvio: não estávamos com o grupo completo. Ou seja, havia vozes faltando em nossos ouvidos. Estávamos estudando muito ouvindo as gravações originais e era mais difícil manter nossos naipes sem as outras vozes de referência. Sendo assim, como podemos ver nesse vídeo³⁶, eu acabava fazendo as outras vozes para que tivéssemos a referência da melodia. Às vezes, até ficava trocando de vozes para reforçar a linha principal ou alguma marcação rítmica importante para a percussão. Era necessário, mas não deixava de ser um hábito desgastante para a minha voz, obrigando-me a cantar fora da minha tessitura, e correndo o risco de confundir o Cristiano e o Gustavo quanto ao que de fato eu devia cantar originalmente. Inevitavelmente, devido à estrutura que havia sido montada, esse foi um desafio recorrente, mas que eu já estava ciente desde o início e lidamos com ele da melhor maneira possível. Estávamos cientes de que a Elinka e a Iza estavam em São Paulo tendo as mesmas dificuldades nesse sentido e estávamos contando com a dedicação uns dos outros.

Na semana seguinte, dia 24 de outubro de 2023, nos reunimos novamente e já com a estrutura da música “Kererê” um pouco mais madura³⁷. A princípio, a parte de percussão corporal da música estava muito bem encaminhada. O mais complexo eram as vozes do arranjo. Pensando que poderia ser útil, e também para meu próprio estudo, comecei a transcrever as vozes em um arranjo separado usando como base o Songbook dos

³⁵ Vídeo tutorial do *groove* de introdução da música “Kererê”, composição de André Hosoi, na Casa de Cultura Mário Quintana (CCMQ) no dia 10 de outubro de 2023. Vídeo: <https://youtube.com/shorts/QFWVD6P3KaE> Acesso em: 29 de janeiro de 2024.

³⁶ Primeiro ensaio da música “Kererê” dia 18 de outubro de 2023. Vídeo: <https://youtu.be/sYiv8YcaHbw> Acesso em: 29 de janeiro de 2024.

³⁷ Ensaio do “Kererê” dia 24 de outubro de 2023. Vídeo: <https://youtu.be/UID8InjEq8M> Acesso em: 29 de janeiro de 2024.

Barbatuques (que encontra-se nas referências). No entanto, os arranjos do Songbook estão extremamente completos (e muito bem transcritos e legendados pelo maestro Carlos Bauzys), com as diferentes linhas de percussão corporal mais as quatro vozes. Ou seja, para quem quer ler e executar uma única parte, o material é consideravelmente denso. Sendo assim, como exercício pessoal e considerando a possibilidade de convidar mais cantores para essa peça futuramente, decidi transcrever esse arranjo de vozes separadamente.

Seguindo os ensaios, nos encontramos novamente no dia 1º de novembro de 2023, mas acabei não gravando vídeos desse dia. Dito isso, estávamos mantendo o mesmo cronograma de passar todas as músicas já conhecidas pelo menos uma vez e depois focar o restante do nosso tempo (estávamos fazendo ensaios de 2 horas, normalmente) no “Kererê”, pois era o maior desafio. O mais curioso desse ensaio foi o fato de que, como estávamos ensaiando em um espaço público, havia sempre pessoas passando e observando. Nesse dia, duas pessoas de Minas Gerais estavam conhecendo a Casa de Cultura e passeando. Adoraram nos ouvir e pararam para conversar depois de ensaiarmos. Os convidamos para o recital, inclusive. Aconteceram mais alguns momentos como esse nos ensaios seguintes e é sempre gratificante e motivador ter pessoas novas reconhecendo nosso trabalho.

Dito isso, nesse mesmo dia de ensaio fomos abordados por um guarda da CCMQ dizendo que não tínhamos autorização para ensaiar ali. E de fato não tínhamos, mas é um espaço de livre circulação. Tem outras salas de ensaio ao lado ocupadas, mas ninguém nunca nos sinalizou qualquer incômodo durante o período que estivemos ali. Pensamos ser improdutivo ficar debatendo a questão com o guarda que só estava cumprindo ordens e fazendo seu trabalho. No entanto, é bastante curioso que, tamanha era a perturbação gerada pelo nosso ensaio, que levou 1 mês para perceberem que estávamos ali. Descemos e terminamos o ensaio lá embaixo, na rua mesmo. Nosso resultado acústico era menos ideal, mas ganhamos muito mais visibilidade, o que gerou algumas conversas, fotos e interesses em nosso trabalho mais uma vez.

Nosso ensaio³⁸ seguinte foi realizado no dia 7 de novembro de 2023. E para que não fôssemos abordados na CCMQ novamente, nos encontramos na Praça do Aeromóvel. Mantivemos o mesmo roteiro de ensaio, repassando as músicas já lidas e reforçando o “Kererê” que era a peça mais complexa. Daí em diante eu já estava bastante inclinado a ideia de trazer um coro de apoio convidado para essa peça em específico.

No dia 15 de novembro de 2023 nos encontramos novamente na Praça do Aeromóvel, mas acabei não fazendo gravações nesse dia. Já estava com a partitura do coro pronta e estava sondando as pessoas que participariam. A ideia era uma dupla de cada naipe, completando 8 cantores ao todo. Dia 21 de novembro nos encontramos na Praça do Aeromóvel mais uma vez, no entanto, sem fazer gravações.

No sábado seguinte, dia 25 de novembro, tivemos o primeiro ensaio³⁹ com o grupo PIÁ dedicado a preparar a participação do grupo no recital. Esse ensaio foi realizado no Espaço de Criação Musical, escola que é grande parceira do projeto. O PIÁ costuma ensaiar todos os sábados, mas até então estávamos com uma grande demanda do show de encerramento do Salão UFRGS 2023.



Dulcimarta Lino, Agatha Sant’Anna, Conrad Fleck, Mariana Wortmann e Lucas Moraes no primeiro ensaio do PIÁ dedicado à participação no recital. Ensaio realizado dia 25 de novembro de 2023. (foto de acervo pessoal).

Resgatamos e aprimoramos o arranjo da música “Coco do Norte”, de Rosil Cavalcanti, eternizada por Jackson do Pandeiro. Essa música já fazia parte do repertório do grupo, no entanto, como o PIÁ é um grupo que faz diversas

³⁸ Lucas Moraes, Gustavo Toreti e Cristiano Morales executando um trecho de “Barbatucar” no ensaio do dia 7 de novembro na Praça do Aeromóvel. Vídeo: <https://youtu.be/OlkhmEKjTMs> Acesso em 29 de janeiro de 2024.

³⁹ Primeiro ensaio do Grupo PIÁ dedicado a participação no show “Ngoma” executando “Coco do Norte” de Rosil Cavalcanti. Ensaio realizado no Espaço de Criação Musical dia 25 de novembro. Vídeo: <https://youtu.be/hvgDUPTGQSE> Acesso em: 29 de janeiro de 2024.

apresentações e frequentemente está com uma formação diferente, precisávamos alinhar, com certeza, quem estaria disponível na data do show para participar.

Na terça-feira, dia 28 de novembro de 2023, me encontrei com a querida Paola Kirst, na Cadica Danças e Ritmos, para ensaiarmos sua participação no espetáculo. Focamos nosso ensaio na música “Cromossom” que, dentre as opções que eu apresentei para Paola, foi a sua preferida e escolha de participação. Ensaíamos⁴⁰ a estrutura da música, que a Paola já vinha ouvindo há algum tempo, com introdução, parte A e parte B. Posteriormente, essa participação acabou sendo adaptada. Ao invés de fazer a peça completa com o restante do grupo do recital, o que demandaria mais ensaios, Paola acabou fazendo o improviso da música (como já havíamos planejado) e o decrescendo final do tema.



Paola Kirst e Lucas Moraes ensaiando para o recital. Ensaio realizado na Cadica Danças e Ritmos no dia 28 de novembro. (foto de acervo pessoal).

Nessa mesma semana, infelizmente, recebi a notícia do Cristiano de que ele precisaria voltar para Pelotas por motivos pessoais. Então, o grupo que já estava ensaiando separadamente ficou mais dividido ainda. A poucas semanas do espetáculo, comecei a ficar bastante preocupado. Não em questão da dedicação individual de cada um para o estudo, mas sim de como iríamos soar coletivamente.

⁴⁰ Paola Kirst e Lucas Moraes ensaiando para o recital. Ensaio realizado na Cadica Danças e Ritmos no dia 28 de novembro. Vídeo: <https://youtu.be/Zdh-lAyVFSA> Acesso em: 29 de janeiro de 2024.

Sendo assim, precisamos seguir os ensaios eu e o Gustavo, apenas, em Porto Alegre. Nos reunimos no seu próprio *home studio* para ensaiarmos⁴¹ no dia 29 de novembro de 2023.

Dia 2 de dezembro pela manhã nos reunimos com o grupo PIÁ mais uma vez para ensaiar o “Coco do Norte”⁴². À tarde, nesse mesmo dia, me reuni na sala 501 do Instituto de Artes com o coro selecionado para reforçar as vozes do “Kererê”. Um grupo de oito amigos foi selecionado para compor esse elenco. Neste primeiro ensaio em específico, pelo convite não ter sido feito com a antecedência devida, ensaiamos⁴³ em quarteto. Foi muito bom ouvir novas vozes cantando essa música. O sentimento de ter acrescentado um corpo maior, a massa sonora aumentou, e isso me agradou muito. Nesse momento fiquei muito feliz. Vi que minhas ideias estavam saindo do papel, se tornando realidade e com qualidade. E ainda por cima, eu estava podendo dividir esse momento com amigos muito queridos, foi muito especial.

No dia 4 de dezembro de 2023, recebi esse vídeo⁴⁴ da Elinka e da Iza ensaiando em São Paulo, na casa da Elinka, a estrutura e as marcações do “Bate Tambor”, música de abertura do espetáculo. No dia seguinte, 5 de dezembro, Cristiano nos mandou um vídeo⁴⁵ também ensaiando o “Kererê”. Foi muito importante receber esses retornos deles também, pois, como estávamos ensaiando separadamente, ver o esforço uns dos outros motiva o grupo todo rumo ao nosso objetivo em comum.

⁴¹ Lucas Moraes e Gustavo Toreti ensaiando "Kererê" no dia 29 de novembro. Vídeo: <https://youtu.be/3R7U71BoXck> Acesso em: 29 de janeiro de 2024.

⁴² Segundo ensaio do PIÁ com Matheus Camilio, Conrad Fleck, Mariana Wortmann e Lucas Moraes ensaiando o “Coco do Norte” no Espaço de Criação Musical no dia 2 de dezembro. Vídeo: <https://youtu.be/puZluJojobk> Acesso em: 29 de janeiro de 2024.

⁴³ Primeiro ensaio do coro para o "Kererê" na sala 501 do Instituto de Artes no dia 2 de dezembro com Lucas Moraes, Matheus Camilio, Ianaê Régia e Manuela Pavoni. Vídeo: <https://youtu.be/7gh8ro65Mc8> Acesso em: 29 de janeiro de 2024.

⁴⁴ Elinka e Iza, em São Paulo, ensaiando estrutura e posições do "Bate Tambor" dia 4 de dezembro. Vídeo: https://youtu.be/X5XR_xoGVfE Acesso em: 29 de janeiro de 2024.

⁴⁵ Cristiano Morales, em Pelotas (RS), ensaiando "Kererê" fazendo o *groove* de caixa com a técnica de *hambone* no dia 5 de dezembro. Vídeo: <https://youtu.be/21XirsFPlvw> Acesso em: 29 de janeiro de 2024.

No sábado seguinte, dia 9 de dezembro de 2023, tivemos mais uma maratona de ensaios. Pela manhã com o PIÁ, ensaiando o “Coco do Norte”⁴⁶, e à tarde o ensaio foi com o coro montado para compor o elenco do “Kererê”⁴⁷.

Dia 14 de dezembro, véspera do show, era nosso dia derradeiro. Elinka e Iza chegaram de São Paulo pela manhã e precisavam descansar, pois teríamos nosso ensaio geral à noite. Elinka conseguiu uma parceria com o Instituto Estadual de Música para que fizéssemos nosso ensaio geral na Casa de Cultura Mário Quintana. O ensaio ocorreu das 19h às 23h30 daquela quinta-feira, com o quinteto base do show, o grupo PIÁ e o coro do “Kererê”. Considerando nosso maior desafio, marcar as posições de palco e nos organizarmos como um quinteto pela primeira vez tocando juntos nessa formação, convidei dois queridos amigos meus, diretores de teatro formados pela UFRGS, para nos dirigirem e darem suas opiniões: Diógenes Sábio e Luana Milidui. Tendo em vista o acúmulo de demandas e turbilhão de preocupações passando pela cabeça, achei uma boa ideia ter outros pares de olhos observando nossa performance para que pudéssemos nos organizar da melhor maneira possível. Tivemos algumas mudanças de última hora. Infelizmente, Matheus Camilio teve um imprevisto e não pode estar com a gente. Para substituí-lo eu precisava de um tenor experiente que pudesse dar conta da demanda no curto prazo que tínhamos. Para a minha sorte, meu querido amigo Eduardo Alves aceitou o convite prontamente, o que me deixou muito feliz e mais aliviado. Com nossa formação atualizada e todos os integrantes, com exceção da Paola, que teve outro compromisso, finalmente reunidos no mesmo lugar, fizemos nosso ensaio geral⁴⁸.

Depois de 4 horas ensaiando sem parar, estávamos todos exaustos, mas eu estava muito mais leve. Poder reunir todas as pessoas de uma vez só e ver o espetáculo acontecendo. Ver que ele estava ali, havia nascido. Eu sabia

⁴⁶ Matheus Camilio e Lucas Moraes executando o "Coco do Norte" em ensaio do PIÁ realizado no Espaço de Criação Musical no dia 9 de dezembro. Vídeo: <https://youtu.be/ATEzjU79z7A> Acesso em: 29 de janeiro de 2024.

⁴⁷ Ensaio com o coro do "Kererê" no Instituto de Artes dia 9 de dezembro com Lucas Moraes, Ianaê Régia, Iasmine Dornelles, Guilherme Roman e Matheus Camilio. Vídeo: <https://youtu.be/L1JLSXor0tc> Acesso em: 29 de janeiro de 2024.

⁴⁸ Ensaio geral de "Kererê" com o grupo completo. Ensaio realizado no auditório Luis Cosme na Casa de Cultura Mário Quintana no dia 14 de dezembro. Vídeo: <https://youtu.be/5OILTQ7UxVw> Acesso em: 29 de janeiro de 2024.

que estava às vésperas de realizar um grande sonho e não podia me sentir mais grato a cada um que fez parte dessa construção.



FICHA TÉCNICA

ELENCO:
 Agatha Santanna
 Bruno Mezzomo
 Carol Schaffer
 Conrad Fleck
 Cristiano Morales
 Duda Cunha
 Eduardo Alves
 Elinka Matusiak
 Guilherme Roman
 Ianaê Régia
 Jasmine Dornelles
 Iza Caldeira
 Gustavo Toreti
 Jaime Ricachenevsky
 Lucas Moraes
 Manuela Pavoni
 Mariana Wortmann
 Matheus Camillo
 Paola Kirst

PRODUÇÃO:
 Conrad Fleck
 Dulcimarta Lino
 Elinka Matusiak
 Lipe Miranda
 Lucas Moraes

EQUIPE TÉCNICA:
Operação e captação de som:
 Dy Ferrandis e Luan Rosa
Vídeo:
 Daniel Musskopf
Fotografia:
 Cris Rangel
Direção Cênica:
 Diógenes Sábio e Luana Milidu
Artes:
 Benjamin Ezequiel

APOIO
 Aletto Espaço de Saúde
 BatuKatu - Núcleo de Estudos e
 Vivências em Música Corporal
 Cádica Danças e Ritmos
 Coletivo do Espaço de Criação Musical
 Grupo PIÁ - FACCED/UFRGS
 Instituto Estadual de Música

NGOMA
 o corpo como o primeiro tambor

Lucas Noatto de Moraes
 PERFORMANCE DE GRADUAÇÃO EM MÚSICA POPULAR
 ORIENTAÇÃO
 Profa. Dra. Luciana Prass

16/12/2023

PROGRAMA DO RECITAL

"Bate Tambor"

Arranjo sobre temas do cengado mineiro (cultura popular).

Música e letra: domínio público (tradição oral, transmitido por Maurício Tizumba).

Arranjo: Grupo Artístico BatuKatu

"Groove das Alturas"

Música e letra: Gustavo Toreti

Arranjo: Grupo Artístico BatuKatu

"Pá-pó"

Composição coletiva cênico-musical inspirada em groove anônimo de funk/pop.

Música: Grupo Artístico BatuKatu

"Barbatucar"

Medley-tributo em homenagem a Fernando Barba e Barbatuques (Barbapapa's Groove, Baião, Balão Destemperado).

Letras e melodias adicionais: Gustavo Toreti

Arranjos vocais: Elinka Matusiak

"Coco do Norte"

Adaptação da interpretação de Jackson do Pandeiro.

Música e letra: Rosil Cavalcanti

Arranjo: Lucas Moraes e Grupo PIÁ

Participação especial: Grupo PIÁ

"Cromossom"

Música e letra: Fernando Barba e Barbatuques

Participação especial: Paola Kirst

"Sequência Minimal / Contágio Livre"

Exercício de improvisação derivado das pesquisas de Stênio Mendes.

Participação especial: Paola Kirst

"Primeiro Tambor"

Música e letra: Lucas Moraes

Arranjo: Lucas Moraes, Cristiano Morales e Gustavo Toreti

"Éh Éh"

Música e letra: Fernando Barba

"Baque Diferente"

Música e letra: Caroline Berriel e Elinka Matusiak

Arranjo: Grupo Artístico BatuKatu

"kererê"

Música e letra: André Hosoi

Participação especial: Coro (Jasmine Dornelles, Ianaê Régia, Manuela Pavoni, Carol Schaffer, Eduardo Alves, Jaime Ricachenevsky, Bruno Mezzomo e Guilherme Roman)

Programa do recital com repertório, créditos, referências e ficha técnica completa. (arte de Benjamin Ezequiel).



UFRGS Instituto de Artes

Lucas Noatto de Moraes
 PERFORMANCE DE GRADUAÇÃO EM MÚSICA POPULAR

NGOMA
 o corpo como o primeiro tambor

DATA
 15/12/2023 às 19h

ORIENTAÇÃO
 Profa. Dra. Luciana Prass

LOCAL
 Auditorium Tasso Corrêa no Instituto de Artes - R. Senhor dos Passos, 248

ENTRADA FRANCA

Segue o espetáculo na íntegra:

[NGOMA - o corpo como o primeiro tambor.mp4](#)

Edição: Daniel Musskopf e Luan Rosa.

Capítulo três - Pós NGOMA

No dia 15 de dezembro de 2023 realizamos o espetáculo denominado “Ngoma: o corpo como o primeiro tambor”, no Auditorium Tasso Corrêa, no Instituto de Artes da UFRGS. E tudo que se sucedeu foram sentimentos únicos, inexplicáveis e irrepetíveis. Mesmo após toda movimentação de produção do dia, que não foi pouca, pudemos celebrar esse momento fazendo o que amamos e na companhia de quem amamos. E isso só aconteceu pelo trabalho de muita gente. Em especial, algumas pessoas que foram alicerce para esse show como equipe técnica: Dy Ferranddis e Luan Rosa, meus queridos amigos que estarão se formando junto comigo (som e captação), Diógenes Sábio e Luana Milidiu (direção cênica), Daniel Musskopf (vídeo), Cris Rangel (fotos) e Benjamin Ezequiel (artes).



Registro do encerramento do show “Ngoma: o corpo como o primeiro tambor” no Auditorium Tasso Corrêa no Instituto de Artes dia 15 de dezembro. (foto de Cris Rangel).

Na sequência do espetáculo, precisávamos aproveitar a vinda da Elinka e da Iza à Porto Alegre para algum encontro do Batukatu ou capacitação. Estávamos pensando em fazer algumas oficinas para que a presença delas aqui pudesse ser também um momento de troca de experiências. Considerando também que essas oficinas seriam realizadas nos dias 16 e 17 de dezembro, final de semana imediatamente após o show, era o momento perfeito. Um espetáculo que envolve e encanta o público tendo como base uma prática vista com menos frequência. Esse movimento gera um interesse e uma curiosidade de aprender também. Pensando nisso, criamos um espaço para essa vivência. Mais de um, aliás.

Nos dias 16 e 17 de dezembro, Elinka e Iza ministraram algumas oficinas individuais e pelo Batukatu na Casa de Cultura Mário Quintana, ainda em parceria com o Instituto Estadual de Música. As oficinas foram ótimas. Elinka pode convidar e rever velhos amigos de Porto Alegre e vieram muitas pessoas novas também. Pela manhã a oficina foi mais direcionada para práticas de voz e percussão vocal e corporal para grupos/coros. À tarde, Elinka e Iza ministraram oficinas individuais mais direcionadas às suas experiências específicas. Elinka trouxe a metodologia⁴⁹ do Batukatu e a Iza trouxe o *beatbox*⁵⁰, dentre



Flyer de divulgação das oficinas realizadas na Casa de Cultura Mário Quintana nos dias 16 e 17 de dezembro. (créditos: Elinka Matusiak).

⁴⁹ Registro da oficina da Elinka na CCMQ dia 16 de dezembro de 2023. Vídeo: https://youtube.com/shorts/qND_iZFkH1g Acesso em 29 de janeiro de 2024.

⁵⁰ Registro da oficina da Iza Caldeira na CCMQ dia 16 de dezembro de 2023. Vídeo: <https://youtube.com/shorts/3EdvO4PapTk> Acesso em: 29 de janeiro de 2024.

outras variações de percussão corporal. Nas oficinas do turno da tarde tivemos as ilustres presenças de dois membros do corpo docente da UFRGS prestigiando esse encontro: a professora da Faculdade de Educação, do curso de Pedagogia e coordenadora do Grupo PIÁ, Dulcimarta Lino, e também o professor do Instituto de Artes no curso de Música, Julio Herrlein.

Já no domingo, dia 17 de dezembro, fizemos um “Encontrão” do Batukatu, em comemoração aos 13 anos do grupo (recém feitos em novembro de 2023). Esse evento reuniu diversos velhos conhecidos e gerou muita nostalgia. Os “Encontrões” sempre foram eventos abertos para experimentar a música corporal. A metodologia é outra, mas a ideia é semelhante à Fritura Livre que experienciamos em São Paulo.

Recebi muitos *feedbacks* positivos de amigos após o show e vários deles interessados em aprender mais sobre música corporal. Infelizmente, o acúmulo de demandas acabou fazendo com que a divulgação das oficinas da Elinka e da Iza não fosse a ideal. Os eventos aconteceram relativamente “de última hora”. E ainda assim várias pessoas compareceram.

“Ngoma” emocionou e tocou muitos corações. Deixou um gostinho de “quero mais” até. Além do fato de que, no dia 15 de dezembro, alguns minutos antes do show começar, caiu uma forte chuva em Porto Alegre. Isso fez com que muitas pessoas que haviam se programado para comparecer, não pudessem ir. Necessidade de replanejar a programação da noite, atrasos devido ao trânsito na chuva, preços muito elevados dos aplicativos, entre outros motivos.

Sendo assim, meu desejo é encontrar um espaço em que possamos fazer uma sessão para assistir esse espetáculo juntos, tendo em vista que ele foi gravado e está registrado, para que possamos reviver esse momento lindo muitas e muitas vezes. Gostaria muito de visitar esse momento pela primeira vez, dividindo isso com mais pessoas. E percebi que esse é um desejo coletivo também. Esse evento provavelmente acontecerá em março de 2024, e após isso, pretendo deixar o espetáculo completo disponível no Youtube, tanto na íntegra, quanto cada uma das peças, individualmente.

Considerações finais

Escrevo essas considerações finais concluindo que o espetáculo “Ngoma” foi um sucesso. Um sucesso que eu espero poder reproduzir outras vezes ainda, em novos palcos, em novos espaços, levando essa história para novas pessoas.

Fico feliz de poder observar o crescimento e evolução do trabalho de um semestre para o outro, mas também desde o início até agora. Conseguimos seguir o planejamento deste Projeto de Graduação em Música Popular praticamente à risca. Tivemos eventuais mudanças no repertório planejado, tivemos eventuais mudanças no elenco, e muitas reviravoltas ao longo dos ensaios. Eu me preocupei quanto ao pouco tempo de ensaio, mas a dedicação do grupo cumpriu as minhas expectativas, pois eu já sabia que estava reunindo apenas pessoas extremamente competentes e que eu confio e admiro muito. Todos se esforçaram muito para que tivéssemos o melhor resultado possível e quanto a isso eu só posso ser infinitamente grato.

Grato como sou por todo o processo dentro da universidade. A UFRGS é um lugar que conecta as pessoas e os caminhos de cada um. Poder olhar para trás e ver o quanto caminhei, e com quem caminhei, me emociona muito. Essas conexões, esses olhares e esses sentimentos que essa jornada proporcionou sempre serão familiares. É um orgulho para mim ter estudado em uma das melhores universidades do Brasil e no curso de Música, com Habilitação em Música Popular, um curso fruto de muito esforço e dedicação da professora Luciana Prass e de outros membros do corpo docente que construíram esse curso.

A música é uma arte sobre identificação e comunicação. É como uma língua, e apesar de cada país ter a sua, como diz o rapper Emicida (2019): “um sorriso ainda é a única língua que todos entendem”. Sigo querendo trocar a tarefa hercúlea de mudar o mundo para mudar “os mundos”. Mudando o mundo de uma pessoa de cada vez, somos capazes de transformar a atmosfera de um lugar. Um sorriso de cada vez. Uma música de cada vez. Sou infinitamente grato à UFRGS por me mostrar que é possível.

Referências

AIÉ - Música Corporal. **Trabajando, sí - Documento sonoro de música corporal**. Youtube, 2021. Disponível em:

[▶ Aié • Música Corporal • Trabajando, sí](#) . Acesso em: 21 de janeiro de 2024.

BARBA, Fernando. **A vida começa lá: uma história de repercussão corporal**. Fernando Barba e Renata Ferraz Torres. São Paulo: Stacchini, 2022.

BARBATUQUES. **Batukatu - Festival Barbatuques de Música Corporal - Dia**

3. Youtube, 2021. Disponível em:

[▶ Batukatu - Festival Barbatuques de Música Corporal - Dia 3](#) . Acesso em:

22 de janeiro de 2024.

BARBATUQUES. **Songbook Barbatuques: volume 1**. Barbatuques, Carlos Bauzys. São Paulo: Barbatuques, 2022.

CIAVATTA, Lucas. **O Passo: um passo sobre as bases de ritmo e som /**

Lucas Ciavatta. Rio de Janeiro: L. Ciavatta, 2009.

HJERNØE, Jim Daus. **The Vocal Painting Documentary**. Youtube, 2020.

Disponível em: [▶ The Vocal Painting Documentary](#) . Acesso em: 22 de janeiro de 2024.

MAAS, Maurício de Oliveira. **Barbatuques em cena: elementos cênicos presentes nas composições e nos jogos musicais corporais do Grupo Barbatuques**. São Paulo: ECA/USP, 2023. Tese de Doutorado em Teatro.

MAAS, Maurício de Oliveira. **Música corporal e jogos musicais corporais: um estudo das práticas do grupo Barbatuques na educação musical do artista teatral**. São Paulo: ECA/USP, 2018. Dissertação de Mestrado em Teatro.

PRASS, Luciana. **Saberes musicais em uma bateria de escola de samba: uma etnografia entre os “Bambas da Orgia”**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.